

D. JOSE ECHEGARAY

O GRAN
GALEOTO

DRAMA EM TRES ACTOS

EM VERSO, PRECEDIDO DE UM DIALOGO EM PROSA

TRADUÇÃO DE

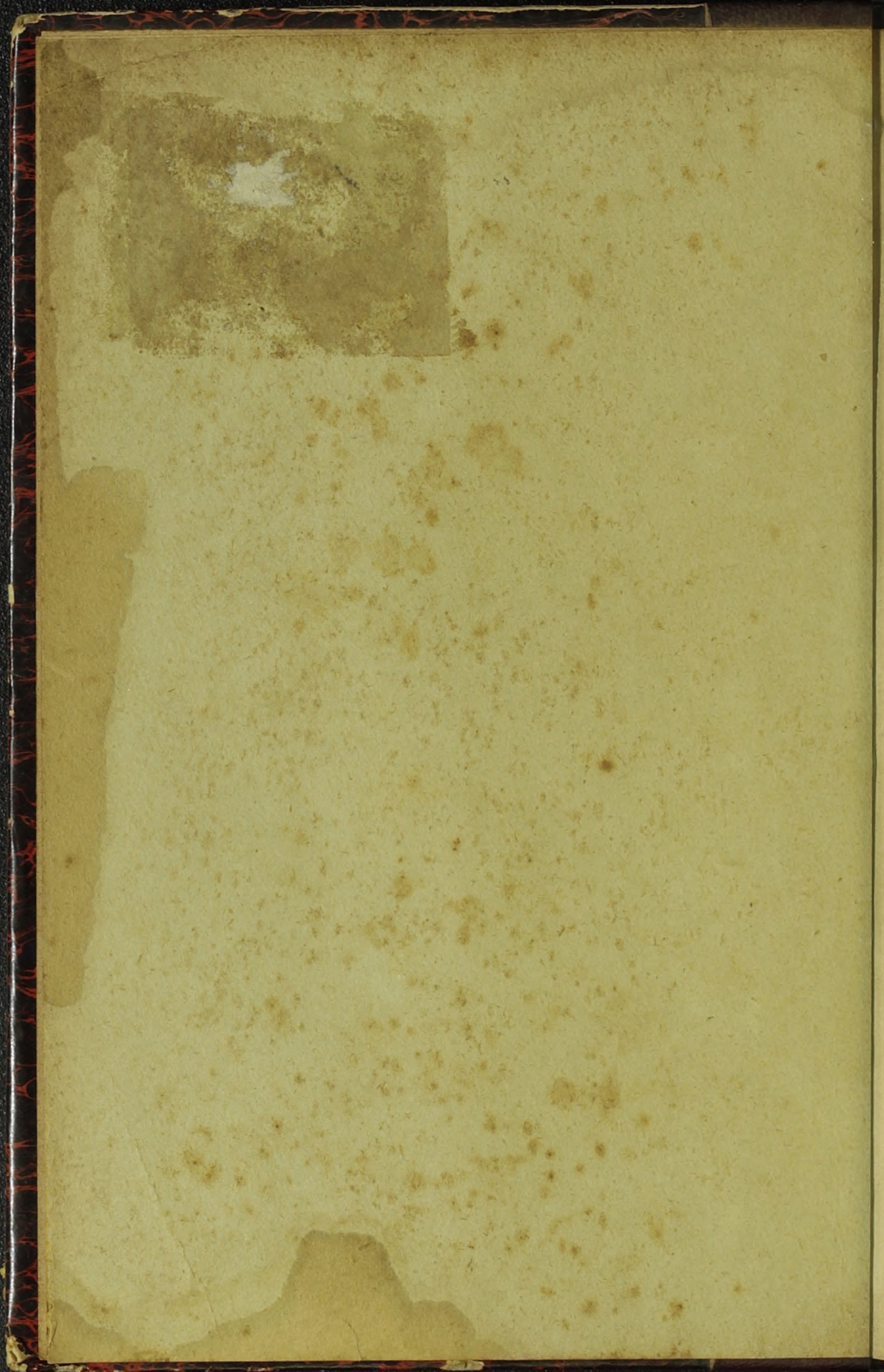
Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida

2.^a EDIÇÃO, EMENDADA

LAEMMERT & C.^ª, EDITORES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

—*—
1896



Vicente Ferraz

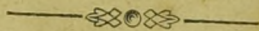
S. Paulo, 14-9-804

145

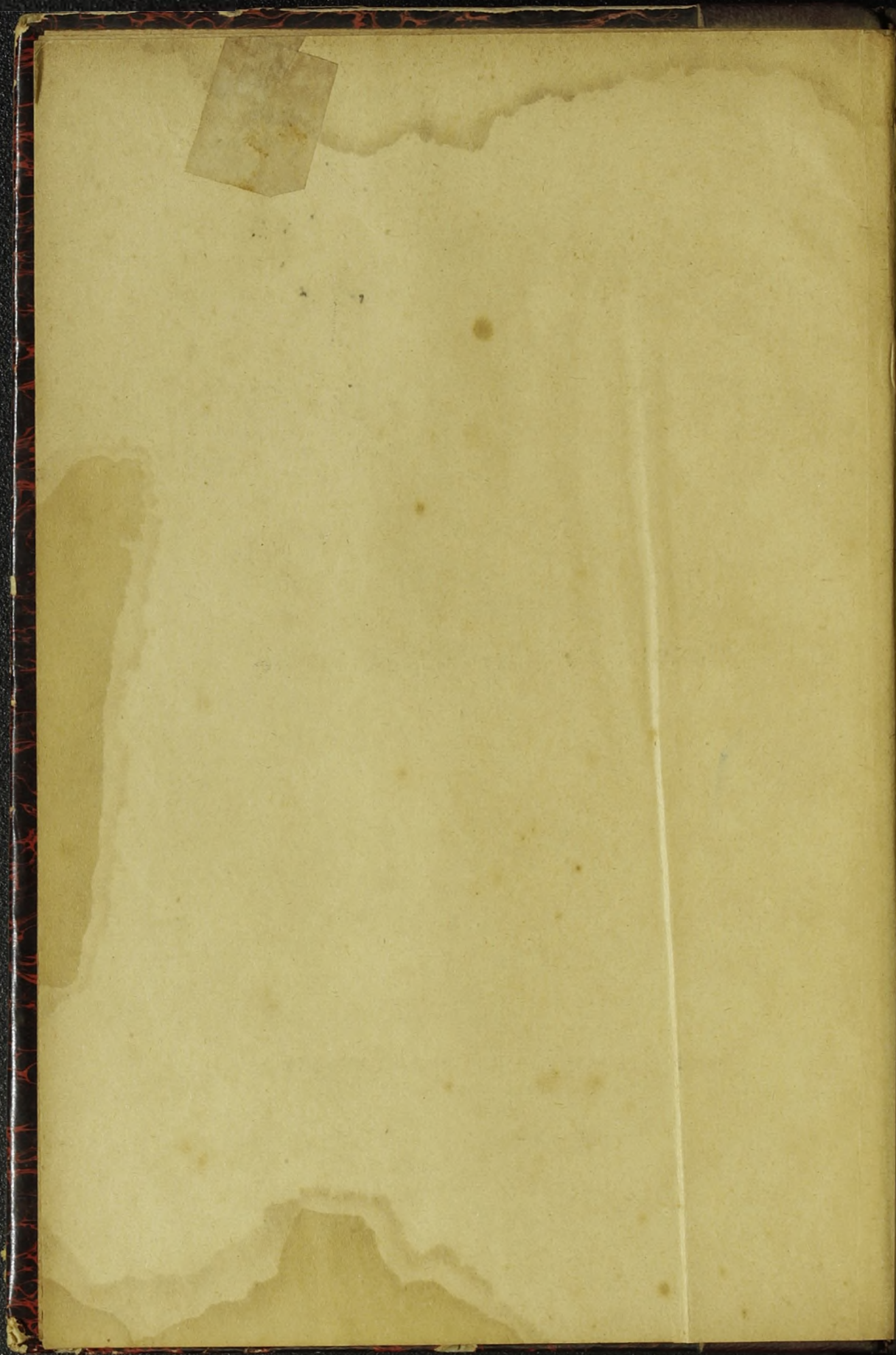
1884

Vicente

O GRAN GALEOTO



Representado pela primeira vez no Rio de Janeiro, no theatro Recreio
Dramatico, na noite de 6 de Junho de 1884



D. JOSE ECHEGARAY

O GRAN
GALEOTO

DRAMA EM TRES ACTOS

EM VERSO, PRECEDIDO DE UM DIALOGO EM PROSA

TRADUÇÃO DE

Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida

2.^a EDIÇÃO, EMENDADA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"
Tombo N.º 32725
MUSEU LITERÁRIO

LAEMMERT & C., EDITORES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

—*—

1896

LISBOA

Typographia e Stereotypia Moderna, da casa editora

ANTONIO MARIA PEREIRA

PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE LISBOA DE 1888

1896

Nota dos editores

Estando completamente esgotada a primeira edição da traducção d'este drama, publicada em 1884, resolvemos fazer segunda.

Levaram-nos a isso varias razões, das quaes a mais importante é o altissimo valor litterario e moral d'esta peça, que obteve um successo extraordinario em todos os theatros de Hespanha e do Estrangeiro, onde tem sido representada, e que está hoje na sua vigesima segunda edição.

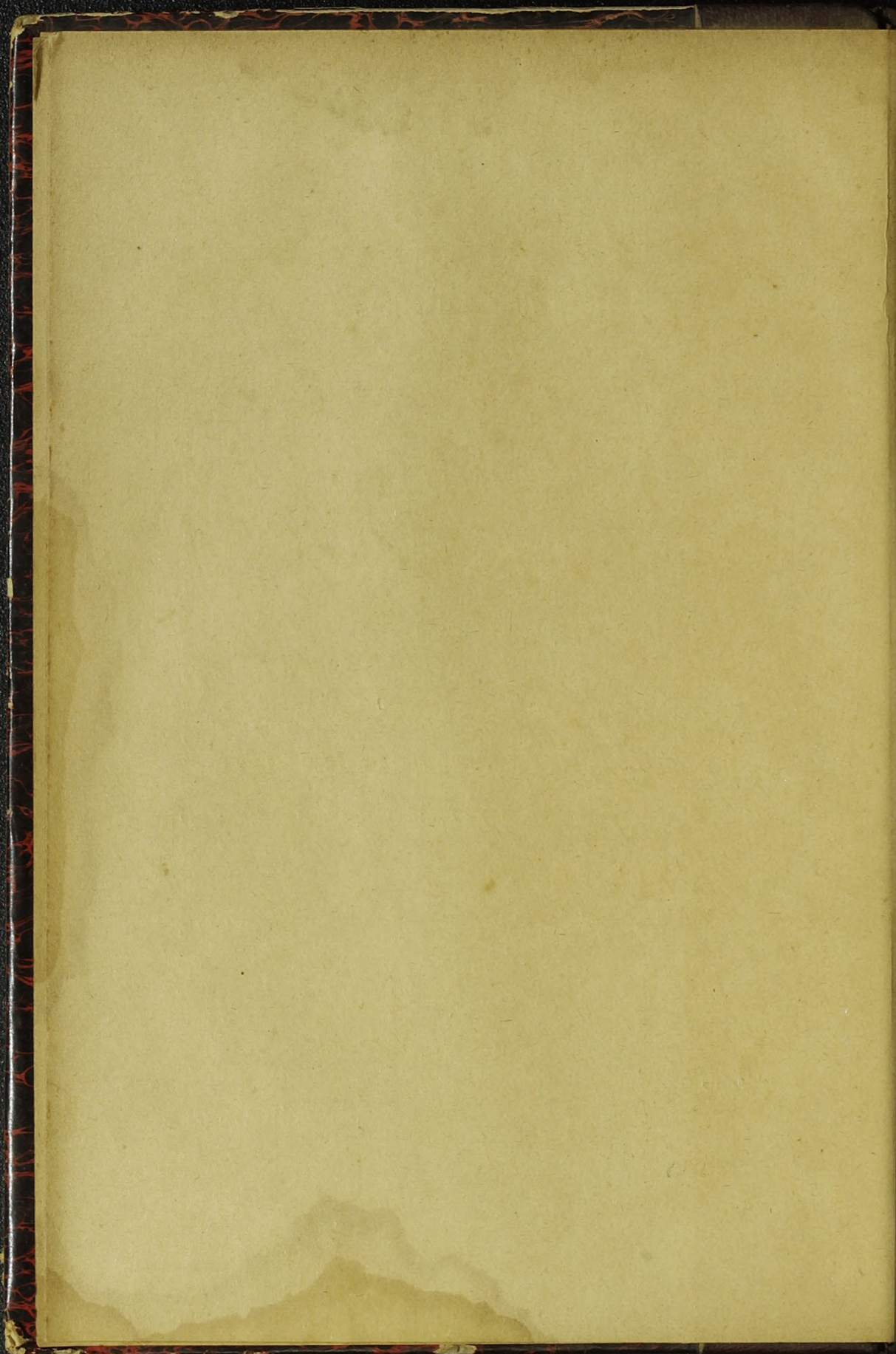
O GRAN GALEOTO, representado no Rio de Janeiro a 6 de Junho de 1884 no theatro Recreio Dramatico na traducção dos illustres escriptores Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, foi um successo estrondoso e marcou época nos annaes do theatro nacional.

Este drama, ao contrario da maioria d'elles, é de leitura interessantissima, não só pelo seu profundo alcance moral, como pela peregrina belleza da sua linguagem. E' o estudo mais completo da calumnia. Nenhum escriptor em nenhuma litteratura, nem o proprio Shakespeare, estudaram esse estudo psychologico com tão admiravel lucidez e pujança dramatica.

Reeditando o GRAN GALEOTO, bastante emendado, crémos prestar consideravel serviço aos amantes das boas lettras.

Dezembro, 1895.

Os editores.



AO ACTOR

Eugénio de Magalhães

OFFERECEM

como prova de reconhecimento e estima

V. Magalhães.

F. d'Almeida.

Personagens

THEODORA, esposa de.....	D. M. CAVALLIER
D. JULIÃO.....	SR. DIAS BRAGA
DOLORES esposa de.....	D. LEOLINDA
D. SEVERO, paes de.....	SR. MAGGIOLI
PEPITO.....	SR. MESQUITA
ERNESTO.....	SR. E. DE MAGALHÃES
RUEDA.....	SR. BRAGANÇA

DOIS CREADOS

Epocha :— ACTUALIDADE

A scena passa-se em Madrid.

AVISO

Os traductores d'esta peça reservam-se todos os direitos de representação e de reimpressão. Nenhuma empresa poderá representar esta traducção sem satisfazer os direitos dos traductores.

O GRAN GALEOTO

DIALOGO

A scena representa um gabinete de estudo. A' E. uma janella ; á D. uma porta ; quasi ao centro uma mesa com muitos papeis, livros, e um candieiro acceso. A' D. um sofá. E' noite.

SCENA I

ERNESTO (Sentado á mesa, preparando-se para escrever.)

Nada ! E' impossivel ! Isto é lutar com o impossivel. A ideia está aqui : agita-se na minha cabeça encandecida ; sinto-a. A's vezes uma luz interna illumina-a e vejo-a... vejo-a com suas fôrmas fugitivas, com seus contornos vagos, indecisos, e de repente ouço-lhe no seio intimas vozes que a animam, gritos de dôr, amorosos suspiros, gargalhadas ironicas!... todo um mundo de paixões a viver e a lutar. Saltam-me ás vezes do cerebro, rodeiam-me, enchem os ares ! Então eu digo a mim mesmo : eis o momento ! Tomo da penna, e, com o olhar fito no espaço, o ouvido attento, comprimindo o bater do coração, debruço-me sobre o papel, mas... o' sarcasmo da impotencia ! Os contornos apagam-se, a visão desvanece-se, extinguem-se os gritos e os suspiros... e o nada, o nada me rodeia ! A monotonia do vacuo, do pensamento inerte, do cansasso somnolento ! Mais do que tudo isto : a monotonia de uma penna immovel e de um papel sem vida, sem a vida da ideia ! Ah ! de quantas fôrmas se reveste o nada, e como chasqueia de creadores da minha estofa ! Muitas, muitissimas fôrmas : telas sem tintas, blocos de marmore sem contornos, ruidos confusos de cahoticas vibrações, mas nenhuma mais irritante, mais insolente, mais pungitiva, do que esta penna miseravel (Arrojando a penna.) e do que esta pagina em branco. Ah ! eu não te posso encher, mas posso destruir-te, cumplice vil das minhas ambições e da minha eterna humilhação ! Assim... (Rasgando o papel) mais pequenos, ainda mais pequenos ! (Pausa) Ninguem me viu, felizmente ; porque estes furores são por demais injustos e ridiculos. Não ? Pois não cedo ! Pensarei mais... mais, até vencer ou succumbir ! Não ! Jamais me darei por vencido. Vejamos, vejamos se d'este modo...

SCENA II

ERNESTO E D. JULIÃO

Este entra pela D. de casaca, o sobretudo no braço.

D. JULIÃO (Assomando á porta, mas sem entrar.)

Olá, Ernesto!

ERNESTO

D. Julião!

D. JULIÃO

Trabalhando ainda! Incommodo-te?

ERNESTO. (Erguendo-se)

Incomodar-me! Por Deus! D. Julião. Entre, entre. E Theodora?
(D. Julião entra.)

D. JULIÃO

Voltamos do Theatro Real. Ella subiu com meus irmãos ao terceiro andar, para ver não sei que compras da Dolores e eu encaminhava-me para o meu quarto quando vi luz no teu, e vim dar-te as boas noites.

ERNESTO

Muita gente no theatro?

D. JULIÃO

Muita, como sempre; e todos os amigos me perguntaram por ti. Estranharam que não houvesse ido.

ERNESTO

Oh! que interesse!

D. JULIÃO

O que mereces, e ainda é pouco. E tu, tens aproveitado estas tres horas de soledade e de inspiração?

ERNESTO

De soledade, sim; de inspiração, não. Ella não veio até mim, embora eu a chamasse enamorado e rendido.

D. JULIÃO

Faltou á invocação?

ERNESTO

E não foi esta a primeira vez. Mas se nada fiz de proveitoso, fiz em compensação uma descoberta importante.

D. JULIÃO

Qual?

ERNESTO

Esta : Que sou um pobre diabo !

D. JULIÃO

Diabo ! Parece-me uma descoberta famosa.

ERNESTO

Nem mais nem menos.

D. JULIÃO

E por que tal desgosto de ti proprio ? Não sae acaso o drama que me annunciaste outro dia ?

ERNESTO

Ora, que ha de sair ! Quem sae dos eixos sou eu.

D. JULIÃO

Em que consiste o logro que te pregaram a inspiração e o drama, meu bom Ernesto ?

ERNESTO

Consiste em que, ao imaginal-o, acreditei que a idéa do drama era fecunda, mas ao dar-lhe a fórma, ao vestil-a com as roupagens da scena resultou uma cousa estranha, difficil, antidramatica, impossivel !

D. JULIÃO

Mas em que está o impossivel ? Explica-m'o, que já me vae mordendo a curiosidade. (Sentando-se no sofá.)

ERNESTO

Ora imagine que o principal personagem, aquelle que cria o drama, que o desenvolve, que o anima, que determina a catastrophe, aquelle que a aprecia e d'ella se aproveita não pode ser posto em scena.

D. JULIÃO

Tão feio é elle ? tão repugnante ou tão mau ?

ERNESTO

Não é isso. Feio como qualquer, como o senhor ou como eu. Mau tambem não : nem mau nem bom. Repugnante, verdadeiramente repugnante tambem não : Não sou tão sceptico, nem tão misanthropo, nem tão desilludido da vida estou, que tal cousa affirme ou que tamanha injustiça commetta.

D. JULIÃO

Então qual é a cousa ?

ERNESTO

E' que o personagem de que se trata não caberia materialmente no palco.

D. JULIÃO

Virgem Santissima! Que me dizes tu? E' porventura drama mythologico e entram n'elle os titans?

ERNESTO

São titans... mas à moderna.

D. LULIÃO

Em summa?

ERNESTO

Em summa, esse personagem é TODO O MUNDO.

D. JULIÃO

Todo o mundo! N'esse caso tens razão; todo o mundo não cabe no theatro; eis ahí uma verdade indiscutivel e muitas vezes provada.

ERNESTO

Pois então já vê que eu tinha razão.

D. JULIÃO

Não completamente. *Todo o mundo* pôde condensar-se em uns tantos typos ou caracteres. Eu não entendo d'estas materias, é certo; mas tenho ouvido dizer que os mestres têm feito isso mais de uma vez.

ERNESTO

Sim; mas no meu caso, isto é, no meu drama, não pode isso ter logar.

D. JULIÃO

Porque?

ERNESTO

Por muitas razões que fôra longo explicar e mormente a estas horas.

D. JULIÃO

Nao importa; venham algumas.

ERNESTO

Pois bem, veja: Cada individuo d'essa massa total, cada cabeça d'esse monstro de cem mil cabeças, d'esse titan do seculo, a que eu chamo TODO O MUNDO, toma parte no meu drama um instante brevissimo, pronuncia uma palavra unica, dirige um unico olhar, talvez a sua acção na fabula não passe de um sorriso: apparece um momento e logo desaparece: obra sem paixão, sem colera, sem maldade; indifferente e distrahido; por distração muitas vezes.

D. JULIÃO

E d'ahi?

ERNESTO

D'essas palavras soltas, d'esses olhares fugitivos, d'esses sorrisos indifferentes e de todas essas pequenissimas maldades; de tudo isso que poderemos chamar insignificantes raios de luz dramatica, condensados n'um foco e n'uma familia, resultam o incendio e a explosão, a lucta e as victimas. Se represento a totalidade das pessoas por um certo numero de typos ou personagens symbolicos, tenho que pôr em cada um d'estes o que realmente está disperso por muitos; o que falsearia o meu pensamento: pondo em scena uns tantos personagens, repulsivos por malvados, e inverosimeis porque não tem objecto a sua maldade. Resulta mais o perigo de que se julgue que eu trato de pintar uma sociedade corrompida, infame e cruel; quando apenas desejo demonstrar que nem mesmo as acções mais insignificantes são insignificantes ou nullas para o bem ou para o mal; pois que, sommadas por mysteriosas influencias da vida moderna, podem chegar a produzir immensos effeitos.

D. JULIÃO

Olha: não prosigas. Tudo isso é muito metaphysico; vislumbro o que quer que seja, é verdade, mas atravez de muitas nuvens. Emfim tu entendes d'estas coisas melhor do que eu. Se se tratasse de notas, cambios, letras e descontos, era outro caso.

ERNESTO

Oh! não; o senhor tem bom senso e isso é o principal.

D. JULIÃO

Obrigado Ernesto, és muito amavel.

ERNESTO

Mas não está convencido?

D. JULIÃO

Não estou. Deve haver um meio de evitar esse inconveniente.

ERNESTO

Ah! se fosse só esse!

D. JULIÃO

Pois ainda ha outros?

ERNESTO

Naturalmente. Ora diga-me: qual é a mola dramatica por excellencia?

D. JULIÃO

Homem, verdadeiramente não sei o que é isso a que chamas *mola dramatica*, porém o que eu te digo é que me não divirto nos dramas em que não ha amores, sobretudo amores desgraçados; porque para amores felizes, bastam-me os de minha casa e o da minha Theodora.

ERNESTO

Bem ; magnifico ! Pois no meu drama quasi, quasi não pôde haver amores.

D. JULIÃO

Mau, pessimo, digo eu. Olha, não sei o que é o teu drama, mas desconfio que não ha de interessar a ninguem.

ERNESTO

Já eu lh'o disse ; todavia posso-lhe amontoar amores até ás nuvens.

D. JULIÃO

Pois com isso, com uma intriga interessante e bem conduzida, com alguma situação de effeito...

ERNESTO

Não, senhor, isso é que não : tudo ha de ser natural, fluente, quasi vulgar... Como que o drama não pôde brotar ao exterior : caminha por entre os personagens, avança lentamente ; hoje apodera-se de um pensamento, amanhã de um palpite de coração : mina a vontade pouco a pouco.

D. JULIÃO

Mas como se ha de conhecer tudo isso ? Que manifestação tem esses estragos interiores ? quem os conta ao espectador ? onde se vêem ? Havemos de estar toda a noite à cata de um olhar, de um suspiro, de um gesto, de uma phrase solta ? Mas, meu filho, isto não é divertir-se ! Quando a gente se quer metter em taes funduras estuda philosophia.

ERNESTO

O senhor repete como um éco tudo o que eu estou pensando.

D. JULIÃO

Não ; nem eu quero desanimar-te. Tu bem sabes o que fazes. Adeante pois ! Ainda que o drama seja um pouco pallido, pareça pesado e não interesse... contanto que venha sem demora a catastrophe e com energia. . e que a explosão...

ERNESTO

Catastrophe !... explosão !... sim, quasi ao cair do panno.

D. JULIÃO

Queres então dizer que o teu drama começa exactamente quando acaba ?...

ERNESTO

Estou quasi a dizer que sim ; entretanto procurarei communicar-lhe um pouco de calor.

D. JULIÃO

Olha, o que deves fazer é escrever esse *segundo drama*, esse que começa quando o outro acaba; porque o primeiro, segundo as tuas noticias, não vale a pena e ha de dar-te muitas.

ERNESIO

Isso sabia eu.

D. JULIÃO

E agora o sabemos ambos, a taes subtilizas te déste e tal é a forga da tua logica. E que titulo tem.

ERNESTO

Titulo! Essa agora é outra... Tambem não tem titulo.

D. JULIÃO

Que?! Que estás dizendo? Tambem não tem titulo?

ERNESTO

Não, senhor; a não ser que lh'o puzessemos em grego para maior clareza, como diz D. Hermogenes.

D. JULIÃO

Vamos, Ernesto! tu estavas dormindo quando eu cheguei, sonhavas desatinos e agora contas-me os teus sonhos.

ERNESTO

Sonhando?... Sim. Desatinos? Talvez. E conto-lhe sonhos e desatinos. O senhor tem bom senso e nunca se engana.

D. JULIÃO

E' que para acertar neste caso não é preciso grande penetração. Um drama cujo principal personagem não vêm á scena; em que quasi não ha amorés; em que nada acontece, que não aconteça todos os dias; que começa ao cair do panno, no ultimo acto, e que não tem titulo,— eu não sei como possa escrever-se, como possa representar-se, como haja quem o ouça, nem como seja drama.

ERNESTO

Ah! Mas comtudo é drama. Toda a difficuldade consiste em dar-lhe fórma e em que eu não lh'a sei dar.

D. JULIÃO

Queres seguir o meu conselho?

ERNESTO

Um conselho seu? Do senhor? Do senhor, meu amigo, meu protector, meu segundo pae...? Ah! D. Julião!...

D. JULIÃO

Vamos, vamos, Ernesto. Não façamos aqui um drama sentimental, á falta do teu, que já foi declarado impossível. Perguntava-te eu se querias seguir o meu conselho.

ERNESTO

E eu dizia-lhe que sim.

D. JULIÃO

Pois deixa-te de dramas; deita-te, descança, vem amanhã caçar comigo; mata umas tantas perdizes, em lugar de matar uns tantos personagens da tua obra... mesmo porque o publico póde fazer outro tanto comtigo. E afinal has-de agradecer-me.

ERNESTO

Isso é que não. Hei de escrever o drama.

D. JULIÃO

Mas, desgraçado! tu o concebeste em peccado mortal!

ERNESTO

Como o concebi não sei. Mas concebi-o. Sinto-o no cerebro, n'elle se agita; pede vida exterior e hei-de dar-lh'a!

D. JULIÃO

Mas não podes arranjar outro argumento?

ERNESTO

E a minha ideia, então?

D. JULIÃO

Manda-a para o diabo!

ERNESTO

Ah! D. Julião! Pois o senhor acredita que uma ideia que se nos agarra aqui dentro, se deixa annullar e destruir, por que assim nos apraza? Ah! eu bem quizera pensar em outro drama, porém este maldicto não deixará logar para mais nenhum em quanto não vier ao mundo.

D. JULIÃO

Pois nada temos feito. Que Deus te dê uma feliz saída.

ERNESTO

Eis o problema, como diz o Hamleto.

D. JULIÃO (Em voz baixa e com mysterio comico)

E não poderia achal-a na multidão litteraria das obras anonymas?

ERNESTO

Ah! D. Julião! Eu sou homem de consciencia. Meus filhos, bons ou maus, são meus filhos: terão o meu nome.

D. JULIÃO. (Preparando-se para sair)

Nada mais digo : o que tiver de ser está escripto.

ERNESTO

Isso quizera eu ! Não está escripto, infelizmente ; mas não importa : se eu o não escrever, outro o escreverá.

D. JULIÃO

Pois mãos á obra ! Boa sorte e que ninguem te tome a deanteira.

SCENA III

ERNESTO, D. JULIÃO e THEODORA

THEODORA (De dentro)

Julião ! Julião...

D. JULIÃO

E' Theodora.

THEODORA

Estás ahí Julião ?

D. JULIÃO

Sim, estou aqui, entra.

THEODORA (Entrando)

Boas noites, Ernesto.

ERNESTO

Boas noites, Theodora. Cantaram bem ?

THEODORA

Como sempre. E o senhor tem trabalhado muito ?

ERNESTO

Como sempre : coisa nenhuma.

THEODORA

Pois se foi para isso que ficou, mais valera ter-nos acompanhado. Todas as minhas amigas me perguntaram pelo senhor.

ERNESTO

Está visto que *todo o mundo* se interessa por mim.

D. JULIÃO

Mas certamente ! Pois que de *todo o mundo* vais fazer o protagonista do teu drama. Ora imagina se elle não quererá fazer-te seu amigo !

THEODORA (Com curiosidade.)

Um drama?

D. JULIÃO

Silencio! E' um mysterio. Não perguntes nada. Nem titulo, nem personagens, nem acção, nem catastrophe... O sublime! Boas noites, Ernesto; vamos, Theodora.

ERNESTO

Adeus, D. Julião.

THEODORA

Até amanhã.

ERNESTO

Boas noites.

THEODORA (A D. Julião)

Notaste como Dolores estava preocupada?

D. JULIÃO

E Severo furioso!

THEODORA

Porque seria?

D. JULIÃO

Que sei eu? Mas em compensação Pepito estava alegre por ambos.

THEODORA

Como sempre, e falando mal de todos.

D. JULIÃO

Personagem para o drama de Ernesto. (Theodora e D. Julião saem pela D.)

SCENA IV

ERNESTO só

Diga embora D. Julião o que quizer, não abandonarei a minha empreza. Fora cobardia. Não, não voltarei atraz.... Avante! (Ergue-se e passeia agitado, depois aproxima-se da janella) Protege-me, oh! noite! pois que na tua escuridão, melhor que no manto azul do dia, se desenhão os luminosos contornos da inspiração! Erguei os vossos tectos, casas da cidade heroica, que, por um poeta em apertos, não fareis menos por certo do que fizestes por aquelle diabinho côxo que travessamente vos desencapellou. Que eu veja entrar em vossas salas damas e cavalheiros, buscando depois das horas dos prazeres mundanos, o nocturno descanso. Cheguem aos meus attentos ouvidos as mil palavras soltas de todos esses que a D. Julião e a Theodora perguntaram por mim. E como de raios de luz

dispersos, recolhidos em diaphano crystal, se formam grandes fôcos; e como de linhas de sombra que se entrecruzam se fazem as trevas, e de grãos de terra as montanhas e os mares de gotas de agua; assim eu, de vossas phrases perdidas, de vossos vagos sorrisos, de vossos olhares curiosos, d'essas mil trivialidades, que em cafês, theatros, reuniões e espectaculos deixaes dispersos, e que n'este momento fluctuam no ar, faça eu tambem o meu drama. E seja o modesto crystal da minha intelligencia poderosa lente que traga ao fôco luzes e sombras, para que d'elle brote o incendio dramatico e a tragica explosão da catastrophe! Brote o meu drama, que até titulo já tem... porque alli, debaixo da luz do lampião, descubro a obra immortal do immortal poeta florentino, e ella me dá em italiano o que em bom hespanhol fôra grande imprudencia e maior ousadia escrever em um livro ou pronunciar sobre um palco. Francesca e Paolo! valham-me os vossos amores! (Sentando-se á mesa e preparando-se para escrever.) Ao drama! Começa o drama! Primeira pagina... já não está em branco... já tem titulo: (Escrevendo) O GRAN GALEOTO. (Escreve febrilmente.)

CAE O PANNO

ACTO PRIMEIRO

A scena representa um salão em casa de D. Julião. Ao fundo uma grande porta que dá para um corredor transversal, onde se vê a porta da casa de jantar, que permanece fechada até ao fim do acto. — A' E. do espectador, no primeiro plano, uma janella de balcão. No segundo plano uma porta. A' D. uma porta no primeiro e outra no segundo plano. Um sofá no primeiro plano da D. e uma meza e poltrona á E. Tudo luxuoso e esplendido.

E' ao cair da tarde.

SCENA I

THEODORA E D. JULIAO

THEODORA

Olha que occaso brilhante!
quanta luz pelo infinito!
Se lá no espaço distante
o Futuro está escripto,
como era crença de outr'ora,
e dizem os trovadores;
se por esse azul afóra
os astros, com seus fulgores,
traçam do humano destino
o segredo mysterioso;
se no azul esplendroso,
tão limpo, tão cristallino
d'esta tarde, se resume
o nosso, então, que sei eu?
em nosso lar quanto lume!
quanta luz em nosso céu!

quanta vida em nossa vida!
e que alegrias immensas!
não é verdade? (A Julião)

Em que pensas?
Vem ver a tarde incendiada,
vem, Julião, olha...

JULIÃO (Distraído)

Que queres?

THEODORA (Chegando-se a elle.)

Não me ouviste?

JULIÃO

O meu desejo
sempre está onde te vejo,
porque és a flor das mulheres;
porém as vezes, cuidados,
affazeres de momento
acodem-me ao pensamento,
teimosos... inesperados...

THEODORA

Que eu detesto e com razão:
pois vejo com dissabor
que me roubam teu amor.
Mas, mas que tens tu, Julião?
Alguma cousa importante (Com muito carinho)
te constrange, meu esposo,
pois que te vejo, ha um instante,
distráido e silencioso.
Se qualquer magoa te afflige,
p'ra mim a quero, Julião;
exige-a o meu coração,
a minha amisade a exige.
A verdade nua e crúa,
eu quero-a já, com franqueza:
se a minha alegria é tua,
é minha a tua tristeza.

JULIÃO

Magoas? — sendo tu ditosa?
Tristezas? — se tu resumes
do amor todos os perfumes,
toda a luz maravilhosa!
se vejo no teu semblante,
em tuas faces mimosas,
como fructo florejante
da saude, essas duas rosas;

e se em teus olhos resplende
 esse fogo, que é o esplendor
 da alma, que vòe e se estende
 pelos céus, meu doce amor...
 em sabendo, como sei,
 que és minha, minha sómente,
 que dôr, que magoa terei
 que me torne descontente?
 Nenhum pezar, por mais fundo,
 tem-me até hoje impedido
 de me julgar o marido
 mais venturoso do mundo.

THEODORA

Serão desgostos, acaso,
 commerciaes?

JULIÃO

Não, Theodora.
 O dinheiro nem um' hora
 me tem causado de atraso
 no meu somno ou no appetite.
 Como sempre o despresei,
 talvez ninguem o acredite,
 como tem sido não sei,
 mas, o caso é que o dinheiro—
 isto duvida não soffre—
 tem vindo até ao meu cofre
 submisso como um cordeiro.
 Sempre fui rico e inda o sou;
 nunca me faltou o conforto
 da confiança, e nas praças
 de Madrid, Cadix e Porto
 jamais banqueiro gozou
 como eu da fortuna as graças,
 nem mais credito que o meu.

THEODORA

Pois bem, mas que te occupava,
 que estavas scismando à toa,
 tão concentrado?

JULIÃO

Pensava!
 E pensava em coisa boa.

THEODORA

Não me admira, Julião: (Com mimo.)
 se o pensamento era teu...

JULIÃO

Isso agora é adulação.

THEODORA

Mas quero saber-o eu.

JULIÃO

Eu pensava n'este instante
em um remate encontrar,
e heide encontral-o por fim,
para certa obra importante
em que ando a parafuzar.

JULIÃO

E não m'o dizes a mim?
E' para a fabrica nova?

THEODORA

Não; não é n'isso que eu penso,
e já te vou dar a prova.
— Eu tenho um desejo immenso,
que nunca te revelei
até hoje, minha amiga :
E' pagar divida antiga
e sagrada...

THEODORA (Com alegria natural e espontanea.)

Então já sei...

JULIÃO

Já sabes?

THEODORA

Já sei. Estavas
pensando no nosso Ernesto...

JULIÃO

Acertaste.

THEODORA

E bem pensavas.
Pobre rapaz! tão modesto.
tão cavalheiro e tão nobre,
tão altivo e tão leal,
tão generoso e tão pobre!

JULIÃO

Sahiu todo ao pae, tal qual;
modelo de gentileza,
exemplo de fidalguia...

outro achar de igual valia
é impossivel com certeza !

THEODORA

E tem um grande talento,
muito estudo e largos planos...
e apenas vinte e seis annos !
E' na verdade um portento !

JULIÃO

Perfeitamente. E esse é o mal :
Seu pensamento em chymeras
perdido, pelas espheras
sublimes do ideal,
temo não ache maneira
de ver o mal que se encerra
cá por baixo pela terra,
que é prosaica e traçoeira. (Pausa)
E' que este mundo ferrenho
é ingrato e mesquinho — pois
só paga as obras do engenho
alguns seculos depois
de morto e esquecido o auctor !

THEODORA

Desde que queiras guial o...
pois, como lhe tens amor,
não pensas abandonal-o ?...

JULIÃO

Abandonal-o ! Isso não !
Nem faças esse conceito !
Fôra mister que em meu peito
não pulsasse um coração
como este, para que eu —
ah ! nem pensal-o me atrevo —
me esquecesse do que devo
a seu pae, que, pelo meu,
nome e fortuna arriscou,
para da ruina o salvar,
como de facto o salvou.
Se esse rapaz precisar
do meu sangue, faço empenho
que o diga, e dou-lh'o com gosto,
porque estou sempre disposto
a honrar o nome que tenho !

THEODORA

Sempre és o mesmo, Julião !

JULIÃO

Sempre! — Disseram-me ha um anno
 ou mais, se me não engano,
 que fallecera D. João,
 e que seu filho ficava
 na miseria e sem ninguem.
 Metti-me logo no trem
 de Gerona, onde morava;
 quasi á força o trouxe aqui,
 e assim lhe falei: E' teu
 tudo, tudo quanto é meu,
 porque a teu pae o devi.
 Da minha casa és senhor,
 dou-te aqui plenos poderes...
 Sómente, se tu quizeres,
 peço-te o grande favor
 de ser teu segundo pae;
 não serei como o outro era,
 Mas a minh'alma lhe vae
 seguindo os passos, sincera.

THEODORA

E' verdade. E que alvoroço,
 que pranto e que desatino,
 quando elle, como um menino
 suspendeu-se-te ao pescoço!

JULIÃO

E' um menino, dizes bem.
 E ora eis ahi o motivo
 de eu ter andado apprehensivo,
 buscando o que lhe convém.
 Precisamos pensar muito
 no seu futuro, Theodora.
 Era este o unico intuito
 que me levava ainda agora
 a meditar seriamente,
 enquanto tu me falavas
 do horisonte, que apontavas,
 do céu, da luz, do occidente,
 do sol que ha pouco morreu,
 e que eu deveras desdenho,
 desde que outros dois sóes tenho
 mais puros em nosso céu...

THEODORA

Não te adivinho a intenção!
 que mais pretendes fazer
 por Ernesto?

JULIÃO

Eis a questão !

THEODORA

Que pôde elle pretender
mais do que tu lhe tens feito ?
Ha um anno que vive aqui,
e deve estar satisfeito
com a amisade que em ti
e em mim encontrou. Perfilho
esta idéa, meu Julião :
Nem que elle fosse teu filho,
nem que fosse meu irmão,
uma amisade mais vasta,
um carinho mais completo
acharia, ou mais affecto.

JULIÃO

Pois bem. Mas isso não basta.

THEODORA

Como não basta ? E's obscuro,
não te entendo, francamente.

JULIÃO

E' que pensas no presente,
e eu só penso no futuro.

THEODORA

O futuro ? Eu o imagino
facilmente. Ora aqui está :
Unido ao nosso destino,
n'esta casa viverá,
para que só se desuna
quando, emfim, venha a encontrar
noiva e se queira casar ;
então — da tua fortuna
lhe darás com vivo empenho
um largo quinhão ; depois,
desde a igreja irão os dois
p'ra sua casa ; pois me attendo
áquelle velho ditado,
que diz : *Quem casa quer casa.*
E ainda que viva afastado
onde muito bem lhe apraza,
nem por isso o esqueceremos ;
e se forem venturosos,
mais venturosos seremos.

Têm elles filhos? — Ditosos
serão com isso? Imagina (Com muito mimo)
que temos filhos tambem...
Quem nos diz que nos não vem
ao menos... uma menina?...
Cresce, educa-se... depois,
ella e o filho de Ernesto
namoram-se... é manifesto,
amam-se e casam-se os dois.

(A volubildade, a graça, o colorido d'esta fala, ficam recommendados ao talento da actriz.)

JULIÃO (Rindo)

Mas onde vaes tu parar
com tudo isso, Virgem Santa!

THEODORA

Pois não 'stavas a falar
em porvir? que é que te espanta?
a mim digo-te que nada.
E podes tu reflectir
quanto quizeres — porvir,
outro porvir não me agrada.

JULIÃO

E' como tu dizes... Mas...

THEODORA

Já temos um *mas*?

JULIÃO

Pois temos!

Olha, Theodora, fazemos,
amparando esse rapaz,
o nosso dever sómente;
mas nenhuma acção humana
é de todo lisa e plana
ou simples inteiramente:
sempre ha dois pontos de vista,
e sempre a medalha tem
verso e reverso. Ninguem
talvez saiba em que consista
a differença entre o dar
e o receber protecção;
no emtanto dois casos são
bem diversos de estudar.
As minhas dadas temo
que as julgue uma humilhação,
pelo menos. E' em extremo

nobre, cheio de isenção,
altivo... e quasi orgulhoso.
E ao seu estado presente,
minha Theodora, é forçoso
achar um fim promptamente.
Façamos por elle o *mais*
fingindo o *menos* fazer.

TREODORA

Mas de que modo?

JULIÃO

Tu vaes
n'este momento saber... (Olhando ao fundo.)
Mas eil-o que chega... Muda
de conversação.

THEODORA

Caluda!

SCENA II

THEODORA, D. JULIÃO, ERNESTO (Entra pelo fundo.)

JULIÃO

Sê bem vindo.

ERNESTO

D. Julião.

Theodora. (Cumprimenta-os distrahido e senta-se junto á meza, pensativo.)

JULIÃO (Acercando-se d'elle.)

Que tens tu?

ERNESTO

Nada.

JULIÃO

Acho-te um pouco turbada
a vista. Alguma afflicção?
Pezares? Alguma dôr?
Algum desgosto...?

ERNESTO

Dos meus...

JULIÃO

Incommodo-te ?

ERNESTO

Meu Deus !

Incommodar-me, o senhor! (Levantando-se e acercando-se d'elle com effusão.)

Não! que o seu carinho é certo,
sua amizade é seu direito:
e lê dentro do meu peito,
como lê n'um livro aberto.
Tenho, é verdade, uma dôr;
mas tudo direi agora;
olhe, desculpe o senhor,
e perdôe-me, Theodora.
Eu sou um doido completo
e um ingrato. A' puridade:
Não valho a sua bondade,
nem mereço o seu affecto.
Eu devêra ser ditoso
com tal pae, com tal irman,
e não pensar no ámanhan;
mas, entretanto, é forçoso
pensar n'isso. A explicação
faz-me córar... Não me entendem?
Sim — que os senhores comprehendem
que é falsa esta situação. — (Com energia.)
Vivo aqui de caridade!

THEODORA

Essa palavra...

ERNESTO

Theodora...

THEODORA

Nos offende.

ERNESTO

Sim, senhora,
disse mal; mas é a verdade.

JULIÃO

Não é tal, amigo meu,
porque se ha alguém que aqui viva
de caridade, e excessiva,
esse não és tu: sou eu!

ERNESTO

Conheço, senhor, a historia

de dois amigos leaes,
 de uns bens e não sei que mais
 que já não tenho em memoria.
 Faz honra a meu pae, senhor,
 rasgo de tal fidalguia,
 eu porém manchal-o-hia
 se lhe cobrasse o valor.
 Eu sou moço, D. Julião,
 e, ainda que pouco valho,
 bem posso encontrar trabalho
 para ganhar o meu pão.
 Será orgulho ou mania?
 Perco o tino e nada sei;
 mas sempre me lembrarei
 do que meu pae me dizia:
 «Do que tu possas fazer
 ninguem vás encarregar;
 o que poderes ganhar
 a ninguem o has de dever.»

JULIÃO

De modo que os meus favores
 te humilham e te envilecem;
 teus amigos te parecem
 uns importunos credores.

THEODORA (A Ernesto)

Tem quasi sempre razão,
 porque sabe muito, Ernesto;
 mas n'estas cousas, de resto,
 sabe mais o coração.

JULIÃO

Esse orgulho impertinente
 não mostrou meu pae ao teu.

THEODORA

A amizade antigamente
 era outra coisa, creio eu.

ERNESTO

Theodora!

THEODORA

Não tem razão.

ERNESTO (Profundamente commovido)

E' certo: sou um ingrato,
 bem o sei, e um insensato...
 Perdôe-me D. Julião.

JULIÃO (A Theodora, referindo-se a Ernesto.)

Sua cabeça é uma fragua !

THEODORA (A Julião, o mesmo.)

Se não vive n'este mundo... !

JULIÃO

Isso sim, sabio e profundo
que se afoga em charcos d'agua !

ERNESTO (Tristemente.)

Que eu na vida não achei
até hoje o meu caminho ?
E' certo ; — mas o adivinho
e tremo ; porquê, não sei.
Que nos charcos d'este mundo
me afogo, turbado e cêgo ?
Mais me espantam, não o nego,
muito mais que o mar profundo.
O mar, que ferve em cachões,
tem o limite da praia ;
mas por todo o ambiente espraia
o charco as emanações.
Contra os vagalhões do mar
luctam braços varonis :
contra os miasmas subtis,
não ha meio de luctar.
Se for vencido, confesso —
não é a victoria ultrajante —
no meu derradeiro instante
sòmente desejo e peço
vêr ante mim, cheio d'ira,
o fundo mar que me trague,
ou a espada que me fira,
ou a rocha que me esmague.
Ao inimigo sentir
o corpo, a furia lhe vêr,
e despresal-o ao cahir,
e despresal-o ao morrer !
Mas não sorver mansamente
meu peito que se dilata,
o veneno que me mata
occulto, esparso no ambiente.

JULIÃO (A Theodora)

Não te disse? eil-o a sonhar!

THEODORA

Mas, Ernesto, aonde é que vamos !

JULIÃO

A que vem com o que tratamos,
isso que estás a clamar?

ERNESTO

Que ao vêr-me, senhor, assim
amparado e recolhido,
o que eu hei pensado hei crido
que pensam todos de mim;
pois tudo serve ao dichote.
Ao sahir pela manhan
com Theodora, ou sua irman;
ao ir ao seu camarote
no theatro e lá ficar;
ao caçar em sua deveza,
ao occupar em sua meza
diariamente um logar,
em meio á sua abastança;
todos interrogam, todos:
— Este quem é? pelos modos
gosa de muita confiança...
Será seu parente? — Qual!
Seu secretario? — Tão pouco...
Seu socio? — Se o é, bem pouco
trouxe á firma social!...
Todos murmuram.

D. JULIÃO

Ninguem!

E' o que sonhas.

ERNESTO

Por favor...

D. JULIÃO

Pois venha um nome.

ERNESTO

Senhor...

D. JULIÃO

Mas um me basta.

ERNESTO

Pois bem,
tem-no aqui bem perto e á mão:
No terceiro andar. Espero...

D. JULIÃO

E chama-se?

ERNESTO

D. Severo.

D. JULIÃO

Meu irmão?!

ERNESTO

Sim; seu irmão.
 Não basta? — Dona Dolores,
 sua nobre esposa e senhora.
 Querem mais? — Pepito. E agora
 que me dizem os senhores?

D. JULIÃO (Com nojo)

Pois digo e juro, e não pecco:
 Que o Severo não tem sizo,
 que ella palra sem juizo,
 e que o pequeno é um boneco!

ERNESTO

Repetem o que ouvem

D. JULIÃO

Nada:
 Isso são cavillações.
 Tendo nobres intenções,
 e quando a gente é honrada
 pouco se importa com o mundo:
 quanto maior, mais acceso
 o murmurar, mais profundo,
 mais soberano é o desprezo.

ERNESTO

Isso é nobre, isso é o que sente
 todo o peito hem nascido;
 porém eu tenho aprendido
 que aquillo que diz a gente,
 com maldade ou sem maldade,
 conforme a causa que a inspira,
 começa por ser mentira
 e acaba sendo verdade.
 A murmuração fatal,
 nos mostra occulto peccado
 e é reflexo do passado,
 ou inventa e infunde o mal?
 Marca com sello maldicto
 a culpa que já existia,
 ou gera a que não havia
 e dá logar ao delicto?

O labio murmurador
 é severo, ou traioeiro?
 é cumplice ou pregoeiro?
 é verdugo ou tentador?
 absolve ou quer nos perder?
 fere por gosto ou por pena?
 e se condemna, condemna
 por justiça ou por prazer?
 Não sei, nem quero pensal-o...
 talvez os dois casos são;
 mas o tempo, a occasião
 e os factos hão de mostral-o.

D. JULIÃO

Olha, eu cá não metto o dente
 nas tuas philosophias;
 creio bem que são manias
 com que se amofina a gente.
 Mas, emfim, também não quero
 affligir-te, nem massar-le.
 Queres, Ernesto, crear-te,
 independente e severo,
 uma posição honrada
 por ti mesmo, não é assim?

ERNESTO

D. Julião..

JULIÃO

Responde.

ERNESTO (Com alegria.)

Sim.

JULIÃO

Pois eil-a aqui arranjada :
 Acho-me sem secretario ;
 de Londres propõem-me um,
 mas não quero mais nenhum
 (Em tom de carinhosa reconvenção.)
 que não seja o extraordinario
 rapaz que a pobreza almeja,
 prefere ordenado e o brilho
 do seu trabalho a ser filho
 de quem por filho o deseja.

ERNESTO

D. Julião...

D. JULIÃO (Com comica severidade)

Mas exigente
e homem de negocios sou.
O meu dinheiro não dou,
nunca immerecidamente.
E hei-de te dar massada
e fazer-te trabalhar;
n'esta casa has de ganhar
o que fôr justo e mais nada.
Dez horas aqui te quero;
desperto ao amanhecer...
Ah! eu contigo vou ser
mais severo que o Severo!
Isto em frente á sociedade:
Obediencia e respeito...

(Sem poder conter-se, mudando de tom e abrindo-lhe os braços)

Mas, Ernesto... no meu peito
sempre esta mesma amisade!

ERNESTO (Abraçando-o)

D. Julião!...

D. JULIÃO

Acceitas?

ERNESTO

Sim.

Nem outra cousa eu quizera...

THEODORA (A Julião.)

Afinal domaste a fera!

ERNESTO (A Julião.)

Se elle manda!

D. JULIÃO

Bem. Assim.

Agora vou escrever
ao meu bom correspondente,
e muito lhe agradecer
o secretario excellente,
o merito extraordinario
do inglez de que faz alarde,
mas que afinal chegou tarde,
pois já tenho secretario.

(Dirigindo-se para a primeira porta da D., voltando-se e fingindo que fala com mysterio.)

Isto agora. Vamos dar
tempo ao tempo... e socio logo!

THEODORA (A Julião.)

Cala-te, filho, eu t'o rogo;
não vês que o vaes espantar?!

(Sae D. Julião pela D. 1.º plano, rindo bondosamente e olhando para Ernesto.)

SCENA III

THEODORA e ERNESTO

No fim da scena anterior começa a anoitecer. N'este momento está completamente escura.

ERNESTO (Deixa-se calir no sofá, profundamente commovido.
Theodora acerca-se d'elle e fica a seu lado, de pé.)

Sua bondade me vence!
Não sei como lhe pagar!

THEODORA

D'este modo: abandonar
desconfianças. E pense
com juizo; seja brando.
Creia que muito o queremos
e que o que fomos seremos,
e que, emfim, Ernesto, quando
Julião promette, van
não é a promessa e a mantem;
de fórma que o senhor tem
n'elle pae, em mim irman.

SCENA IV

Os mesmos, DOLORES E D. SEVERO

(Os dois últimos assomam ao fundo e param. O salão está ás escuras; apenas uma pequena claridade na janella, para onde se dirigem Theodora e Ernesto.)

ERNESTO

Que bons que são os senhores!

THEODORA

E que creança! Não mais
tristeza agora.

ERNESTO

Jámais!

DOLORES (Desde fóra, em voz baixa)

Que escuro!

SEVERO (O mesmo)

Vamos, Dolores.

DOLORES (Transpondo a porta)

Ninguem.

SEVERO (Detendo-a)

Não. Ha gente aqui.

(Os dois ficam ao fundo observando)

ERNESTO

Theodora, esta vida eu dára,
e mil vidas, se as tivera,
pelo bem que recebi!
Oh! não me deve julgar
por meu character sombrio;
das expansões me desvio
de amor, porem sei amar
e tambem aborrecer;
pois sempre com eguaes modos
no meu peito encontram todos
o que n'elle querem vêr.

DOLORES (A Severo)

Que dizem?

SEVERO

Cousas estranhas,
que não ouço bem.

DOLORES

E' Ernesto.

(Theodora e Ernesto continuam falando baixo, á janella)

SEVERO

E ella. E' ella, é manifesto!

DOLORES

Sim, Theodora.

SEVERO

As mesmas manhas !
Sempre juntos. Que insolencia !
E tacs palavras ! Que espero ?...

DOLORES

De certo. Vamos, Severo ;
já é caso de consciencia !
Todos dizem...

SEVERO (Adeantando-se)

A Julião
lci de hoje falar e claro.

DOLORES

Mas tambem já é descarro
o d'este homem !

SEVERO

Eguaes são
o d'elle e o d'ella.

DOLORES

Inteliz !
Tão creança ! D'ella eu
me incumbo.

THEODORA (A Ernesto)

Que animo o seu !
Deixar-nos ! Muito feliz
a idea !... Não lh'o consente
Julião.

SEVERO (A Dolores.)

Nem eu, por Christo !
(Alto a Theodora) Então ! não me tinhas visto ?
Assim se recbe a gente ?

THEODORA (Afastando-se da janella)

D. Severo ! Que prazer !

DOLORES

Não se janta ? Não é hora ?

THEODORA

Ah ! Dolores !

DOLORES

Sim, Theodora.

SEVERO (Aparte)

Como finge! Que mulher!

THEODORA

Vou pedir luzes. (Toca o tympano.)

SEVERO

Bem feito :
a gente deve vêr claro.

UM CREADO (Apresentando-se ao fundo)

Senhora ?

THEODORA

Luzes, Genaro.

(Sae o creado)

SEVERO

Quem segue o caminho estreito
do dever e da lealdade,
e sempre é o que parece,
não se afflige ou enrubece
pela muita claridade.

(Entram criados com luzes; o salão fica splendidamente illuminado)

THEODORA (Depois de uma pequena pausa, com naturalidade, sorrindo)

O contrario nunca ouvi
a ninguem.

DOLORES

Certo que não.

SEVERO

Oh! Ernesto! Com que então,
quando entrei quem estava aqui
com Theodora, era você?

ERNESTO (Friamente)

Era eu; está bem visto.

SEVERO

Bem visto, isso não, por Christo!
que nas trevas não se vê!

(Approxima-se-lhe, estende-lhe a mão e fita-o fixamente. Theodora e Dolores conversam á parte.)

SEVERO

Sua face está incendiada,

e parece haver chorado...
Sómente choram na vida
a creança e o namorado.
(Alto) É Julião?

THEODORA

Ao escriptorio
foi escrever uma carta.

ERNESTO (Aparte)

De ouvir tanto falatorio
já tenho a paciencia farta.

SEVERO

Vou ter com elle. O jantar
dá tempo?

THEODORA

Tempo de sobra.

SEVERO (Aparte, esfregando as mãos e mirando Theodora e Ernesto.)

Bem; agora mãos á obra.
(Alto) Adeus!

THEODORA

Adeus.

SEVERO (Aparte, olhando-os rancorosamente ao sair;

E' esperar! (Sae)

SCENA V

THEODORA, DOLORES e ERNESTO

As duas mulheres sentam-se no sofá; Ernesto fica de pé.

DOLORES (A Ernesto)

Já não ha mais quem o veja!
Hoje não nos visitou.
Viu Pepito?

ERNESTO

Não, senhora.

DOLORES

Pois sósinho elle ficou;
'stá lá em cima.

ERNESTO (Aparte)

Pois que esteja!

DOLORES (A Theodora com seriedade e mysterio)

Vê se o fazes ir embora.
Quero falar-te...

THEODORA

Tu?

DOLORES

Sim.

De assumptos graves.

THEODORA

A mim?

DOLORES (Apontando Ernesto)

Mas não pôde ser agora...

THEODORA

Não te comprehendo!

DOLORES (Em voz baixa)

Valor!

(Pega-lhe na mão e estreita-lh'a affectuosamente. Theodora encara-a com assombro, sem comprehender nada.)

Faz' com que nos deixe presto.

THEODORA

Se tu o exiges... (Alto) Ernesto,
se me fizesse um favor...

ERNESTO

Com mil amores...

DOLORES (Aparte)

Que modo!

Um é de sobra!

THEODORA

Pois vá
dizer ao Pepito já...
Mas acaso o incommode
com isto?

ERNESTO (Gentilmente)

Se eu idolatro
as suas ordens!...

DOLORES (Aparte)

Que doçura!

THEODORA

Que... Se a nossa assignatura
foi renovar ao theatro,
como eu disse. Não se aggrave
com isto...

ERNESTO

Não custa nada.

THEODORA

Veja, Ernesto, que massada!

ERNESTO (Dirigindo-se ao F.)

Por Deus!

THEODORA

Adeus! (Sae Ernesto.)

SCENA VI

THEODORA e DOLORES

THEODORA

Cousa grave!

Estou inquieta, Dolores!
esse modo, esse mysterio...
trata-se?...

DOLORES

De assumpto serio.

THEODORA

De quem?

DOLORES

De quem? dos senhores.

THEODORA

De nós?

DOLORES

Por certo. De ti,
de Ernesto e Julião. Já vês...

THEODORA

De nós tres ?

DOLORES

Sim ; de vós tres.

(Theodora contempla com assombro a Dolores. Pequena pausa.)

THEODORA

Pois depressa !...

DOLORES (Aparte)

Nunca vi !...

Mas tenhamos precaução,
porque o assumpto é escabroso.
(Alto) Vê, Theodora, meu esposo
afinal do teu é irmão,
e de uma familia todos
nós vimos a ser ; de sorte
que, quer na vida ou na morte,
por estes ou outros modos,
nos devemos protecção,
auxilio e conselho... E' claro.
Hoje eu dou-te o meu amparo,
quando fór occasião
dar-me-has o teu, não é assim ?
tu sabes que ninguem foge
ao velho proverbio : «Hoje
por ti, amanha por mim».

THEODORA

Ah ! certamente, Dolores,
contem connosco vocês ;
favores pagam favores...
Mas acaba de uma vez !

DOLORES

Olha ; eu não tenho querido
té hoje este passo dar ;
mas «d'aqui, diz meu marido,
isto não póde passar ;
a honra de meu irmão
como a minha propria estimo ;
e vêr taes coisas lastimo,

choro de dôr e paixão !
 Sempre indirectas ouvindo,
 perfidos risos notando ;
 sempre os olhos abaixando,
 de toda a gente fugindo...
 com esta affrontosa lide
 é necessario acabar :
 não posso mais tolerar
 o que se diz em Madrid.»

THEODORA

Acaba !...

DOLORES

escuta-me, louca.

THEODORA

Mas que dizem ? Desvario !

DOLORES

Olha : quando sôa o rio,
 agua leva, muita ou pouca.

THEODORA

Não sei se sôa ou não sôa,
 se agua leva eu se não leva ;
 sei que estou louca !...

DOLORES (A' parte)

Tão bôa !

E' pena que a tal se atreva !

(Alto)

Emfim, não tens entendido ?

THEODORA

Eu ? não !

DOLORES (A' parte)

E' demais tambem !

(Alto e com energia)

Já é ridiculo !

THEODORA

Quem ?

DOLORES

Quem ha de ser ? Teu marido.

THEODORA (Levantando-se com impeto)

Julião? Mentira! Villão
quem tal infamia disser;
pobre d'elle, se estiver
ao alcance de sua mão!

DOLORES (Acalmando-a e fazendo-a sentar-se outra vez junto d'ella)

Necessitaria ter
mãos p'ra muitissima gente;
porque, se a fama não mente,
todos são de um parecer.

THEODORA

Mas que infamia é essa, enfim?
Qual o mysterio profundo?
O que é que repete o mundo?

DOLORES

Então já te pesa?

THEODORA

A mim!
Que me ha de pesar?

DOLORES

Theodora;
és creança: n'essa idade
se commettem, sem maldade,
graves erros... e se chora
mais tarde tanto, louquinha!
Não me entendes?

THEODORA

Não, Deus meu!
Como te hei de entender eu,
se essa historia não é a minha?

DOLORES

E' a historia de um infame
e é a historia de uma dama...

THEODORA (Com ansiedade)

E ella se chama?...

DOLORES

Se chama...

THEODORA (Contendo-a)

Que importa como se chame?...

(Theodora afasta-se de Dolores sem levantar-se do sofá. Dolores acerca-se d'ella á medida que fala. Este duplo movimento de repugnancia e afastamento em Theodora, de protecção e insistencia em Dolores, deve ser muito estudado.)

DOLORES

O homem é mau, traidor;
 elle exige da mulher,
 por um' hora de prazer,
 a vida inteira de dor.
 Olha: a deshonra do esposo,
 de toda a familia a ruina,
 ou a fronte que se inclina
 sob um labéo vergonhoso;
 têm por geral penitencia
 o desprezo nos demais,
 e Deus, que pune ainda mais
 com a voz da consciencia!

(Já estão na outra extremidade do sofá: Theodora foge ao contacto de Dolores, inclina para traz o corpo e cobre o rosto com as mãos. Comprehende afinal.)

Vem a meus braços, Theodora...

(A' parte)

Pobresinha, me enternece!

(Alto)

Esse homem não te merece.

THEODORA

Mas onde quer ir, senhora,
 com tamanho desafogo?
 Eu não tenho medo, é espanto!
 não ha nos meus olhos pranto:
 nos meus olhos só ha fogo!
 Quem disse o que ouvi agora?
 Quem é esse homem? será...
 elle, acaso?...

DOLORES

Ernesto.

THEODORA

Ah! (Pausa)

E a mulher eu!...

(Signal nfirmativo de Dolores. Theodora levanta-se)

Ouve, embora

te irrite o que vacs ouvir.
 Qual é mais vil não sei eu :
 Se o mundo, que o concebeu,
 ou tu, que o vens repetir !
 Maldicto o labio damnado
 que deu fórma a tal idéia !
 Maldicto aquelle que a creia,
 por imbecil ou malvado !
 Idéia tão horrorosa,
 que, só por não arrancal-a
 da memoria, e por guardal-a
 em mim, já sou criminosa !
 Jesus ! Eu nunca o pensei !
 Jesus ! Eu jamais o cri ;
 se tão desgraçado o vi
 que, como a um irmão, o amei !
 Julião foi-lhe a boa estrella...
 Elle é nobre e tão austero...
 (Detem-se, observando Dolores e voltando o rosto. Aparte)
 Como me fita !... Não quero
 gabal-o em presença d'ella.
 De modo que principio
 já a fingir !
 (Affligindo-se visivelmente)

DOLORES

Vamos, calma...

THEODORA

Que angustia sinto em minh'alma...
 Que desconsole... e que frio !
 Pela publica opinião
 desta maneira manchada !
 Ah ! minha mãe !.. mãe amada !
 Ah ! esposo do coração !..
 (Cae soluçando na poltrona da E. Dolores procura consolal-a)

DOLORES

Perdoa me... Eu não pensava...
 Não chores !.. Pois se eu não cria
 nada sério... Se eu sabia
 que o passado te abonava !..
 Mas se os factos assim são,
 has de confessar tambem,
 que de cada cento, cem,
 de ti e do teu Julião
 dirão com justo rigor
 que ambos fostes imprudentes,

dando ensejo aos maldizentes
de pensarem o peor.
Tu, com vinte primaveras,
Julião, perto dos quarenta,
e Ernesto, um'alma sedenta
de aventuras e chimeras...
Em seus negocios teu esposo,
o outro em suas fantasias,
mais occasiões que dias,
e teu pensamento ocioso...
Quem vê ambos em passeio
ou no theatro Real...
mal faz em pensar tão mal ;
mas, minha Theodora, eu creio
que com justiça e razão,
em tudo que se tem dado,
o mundo pôz o peccado
e vós destes a occasião.
A moderna sociedade,
permittle-me que t'o diga,
a culpa que ella castiga
com mais sanha e crueldade,
e de maneira mais varia,
no homem ou na mulher,
é isto que vou dizer :
A imprudencia temeraria.

THEODORA (Voltando-se para Dolores, mas sem attender ao que elle diz)

E dizes que o Julião?...
DOLORES

Sim !

E' o joguete da côrte.
E tu...

THEODORA

De mim... não te importe.
Porém Julião!... Ai! de mim!
Tão bom... tão bom... tão sincero!
Quando souber...

DOLORES

Saberá,
porque agora mesmo está
a prevenil-o o Severo.

THEODORA

Que !...

JULIÃO (Dentro)

Basta!

THEODORA

Nossa Senhora!

JULIÃO (O mesmo)

Que me deixes!

THEODORA

Ai! de mim?

Vamos d'aqui, sem demora!...

DOLORES (Depois de chegar-se á primeira porta da D.)

E' melhor, vamo-nos; sim.

(Dirigem-se ambas para a E.)

THEODORA (Detendo-se)

Mas porque? Assim, parece,
afinal, que eu sou culpada!
Uma calúmnia assacada
não mancha só, envilece!
E é tal o enredo maldicto,
que, contra toda a evidencia,
desde que entra na consciencia,
parece o proprio delicto!
Porque da falsa deshonra
me oprimem os torpes laços?

(N'este momento apparece á porta da D. primeiro plano D. Julião e atraz Severo.)

Julião!

D. JULIÃO

Theodora! (Theodora corre a elle que a abraça apaixonadamente)

Em meus braços!

E' este o teu posto de honra!

SCENA VII

THEODORA, DOLORES, JULIÃO e SEVERO

(A ordem dos personagens da esquerda á direita é a seguinte: — Dolores, Theodora, Julião, Severo; Theodora e Julião formando um grupo: ella nos braços d'elle.)

D. JULIÃO

Pela vez primeira, passe!

E, viva Deus! que é passar;
porém quem torne a manchar
com lagrimas esta face, (Apontando Theodora)
eu juro — e não juro em vão —
os humbraes da minha porta
não passa mais, pouco importa
que seja o meu proprio irmão!
(Pausa. Acaricia e consola Theodora)

SEVERO

Repeti o que lá fóra
murmuram de ti, Julião.

D. JULIÃO

Infâmias.

SEVERO

Pois bem, serão.
Mas deixa contar-te agora
o que todo o mundo sabe.

D. JULIÃO

Torpezas, mentiras, lodo!

SEVERO

Mas repetir...

D. JULIÃO

Não é modo,
de conseguir que isso acabe.
(Pequena pausa.)

SEVERO

Não, não tens razão.

D. JULIÃO

Rasão
de mais. Que mania a tua,
querer trazer-me da rua
o lixo para o salão!

SEVERO

Pois será!...

D. JULIÃO

Não ha de sér!

SEVERO

Meu é teu nome!

D. JULIÃO

Não mais!

SEVERO

Tua honra!

D. JULIÃO

Pensa que estás
deante de minha mulher.

(Pausa)

SEVERO (Baixo a Julião)

Ah! Se nosso pae vivesse!

D. JULIÃO

Que dizes? Não ouvi bem...

DOLORES

Cóluda, que Ernesto ahi vem...

THEODORA (Aparte)

Que infamia!... Se elle soubesse!

(Theodora volta-se e inclina o rosto; D. Julião observa-a fixamente.)

SCENA VIII

Os mesmos, ERNESTO e PEPITO

(Estes vêm pelo fundo. Logo que elles entram separam-se os grupos, vindo Ernesto a D. Julião e Pepito a Theodora.)

ERNESTO (Aparte)

Juntos... Não é illusão.
Será acaso o que temi?
O que a este imbecil ouvi...
(Refere-se a Pepito que vem entrando)
Não foi pois sua invenção.

PEPITO (Que tem olhado com estranheza para um e outro lado)

Saude e bom appetite,
porque se approxima a hora.
O camarote, Theodora.

THEODORA (Recebendo-o machinalmente)

Obrigada.

ERNESTO (Aparte)

O meu palpíte!...

(Baixo a Jul.) Mas que tem Theodora?

JULIÃO

Nada.

ERNESTO (O mesmo)

Está pallida e chorosa...

JULIÃO (Sem poder conter-se)

Não te importe a minha esposa.

(Pausa. D. Julião e Ernesto cruzam um olhar.)

ERNESTO (Aparte)

Miseraveis! Foi jogada
perfeita.

PEPITO (Baixo a Dolores, apontando Ernesto)

Doido varrido!

por que me puz a falar
de Theodora... «Oh! atrevido!»
E quasi me quiz matar!...

ERNESTO (Triste, mas resolute e com nobresa)

D. Julião. Maduramente
reflecti na sua offerta...
E... meu labio não acerta...
custa a mover-se, tremente...
Embora conheça que eu
da sua bondade abuso...
emfim, D. Julião, recuso
o logar que me off'receu.

JULIÃO

Porque?

ERNESTO

Porque sou assim,
um poeta, um sonhador;
e nunca meu pae, senhor,
achou carreira p'ra mim.
Eu necessito viajar,
sou inquieto e mal affeito...
Emfim, eu não me sujeito,
como outros, a vegetar.
Espirito aventureiro,
de toda a procella zombo,

e vou, qual outro Colombo,
seguindo ignoto roteiro.
Formei seguro a intenção
de proceder como quero,
e se tenho ou não razão
que l'ho diga D. Severo.

SEVERO

Fala com criterio e senso,
com muita sciencia, e bem ;
ha muito tempo que eu penso
d'essa maneira tambem.

D. JULIÃO

Com, que, sentes tentação
de ver mundo, de viajar ?
Então nos queres deixar ?
E que meios tens ?... quaes são ?

SEVERO (A Julião)

Deixa-o ir onde é provavel
que encontre a carreira justa ;
quanto ao mais, é rasoavel,
seja feito á tua custa.
Quanto quizer : não concebo
que elle poupe nem um *quarto*.

ERNESTO (A Severo)

Se deshonras não reparto,
Tampouco esmolas recebo. (Pausa.)
Mas, emfim, isto ha de ser ;
e como uma despedida
é triste... (que n'esta vida
talvez os não torne a ver ;)
façamos este convenio :
(Profundamente commovido)
Trocamos um bom abraço
para romper este laço..
e perdoe-me o meu genio.

SEVERO

Como se fitam, meu Deus !

THEODORA (Aparte)

Que alma tão formosa tem !

ERNESTO

D. Julião, que é que o detem ?

Este é o nosso ultimo adeus.

(Dirige-se a Julião com os braços abertos; Julião recebe-o nos seus e abraçam-se fortemente.)

JULIÃO

Não; os factos bem pesados,
nem ultimo nem primeiro:
é o abraço franco e inteiro
de cavalheiros honrados.
D'esse projecto agoirento
não quero que fales mais.

SEVERO

Porém, não parte?

JULIÃO

Jamais.

Não mudo a cada momento
de planos; e muito pouco
podem pezar na mudança
loucuras de uma creança,
ou creancicos de um louco.
Fôra mancha e necedade
sujeitar minhas acções
às nescias murmurações
da muito heroica cidade.

SEVERO

Julião...

JULIÃO

Basta, que a meza
nos aguarda.

ERNESTO (A Julião)

Não, não quero,
não posso...

JULIÃO

Pois eu espero
que possas. Ou já te peza
meu dominio?

ERNESTO

Por favor!...

JULIÃO

(A Ernesto) Vamos lá, que já é hora.
Off'rece o braço a Theodora,
e leva-a á meza.

ERNESTO (Olhando para Theodora e retrocedendo)

Senhor!...

A Theodora?!

THEODORA (O mesmo.)

Ernesto!

JULIÃO

Sim,

como sempre.

(Movimento de duvida e vacillação. Afinal, Ernesto acerca-se e Theodora apoia-se ao seu braço, mas sem se olharem, interdectos, commovidos, violentados. Tudo fica recommendado aos actores.)

(A Pepito)

E vamos tu...

dá o teu... por Belzebuth!

á tua mãe. Junto de mim

(Pepito dá o braço a Dolores)

Severo, meu bom irmão.

(Apoalando-se n'elle um momento)

Eia! vamos ao jantar,

que ha de o prazer rebentar,

com o copo erguido na mão!

Ha quem murmure? Deixal-o:

que murmure francamente;

pois que me não causa abalo

o que diz toda essa gente.

Palacio eu quizera agora

com paredes de crystal,

pr'a que esses corvos do mal

vissem Ernesto e Theodora;

e, sem temor a baldões,

a todos mostrasse assim,

o que se me importa a mim

de calumnias e villões.

Cada um siga a sua sorte,

(N'este momento apparece um criado com traje de etiqueta: de preto e gravata branca.)

porque...

CRÍADO

A mesa está servida.

(Abre a porta do refeitorio: vêam-se a mesa, as poltronas, lampada pendente do tecto, etc. Em summa: uma mesa e sala de luxo.)

JULIÃO

Pois façamos pela vida,

que farão por nossa morte.

Vamos. (Convidando a que entrem.)

THEODORA

Dolores.

DOLORES

Theodora.

THEODORA

Os senhores...

DOLORES

Os senhores...

THEODORA

Não; vá adiante, Dolores.

(Dolores e Pepito passam á frente e dirigem-se ao refeitório, lentamente; Theodora e Ernesto ficam, no entanto, immoveis, e como absortos em seus pensamentos. Ernesto fita a vista sobre ella.)

JULIÃO

Ella a contempla e ella chora.

(Seguem de longe Dolores. Theodora vacillante, detendo-se e enxugando o pranto.)

Falam-se baixo... (A Severo áparte)

Você

não ouve?

SEVERO

Creio que ouvi.

(Ernesto e Theodora teem-se detido e voltado a cabeça furtivamente. Depois seguem.)

JULIÃO

Porque volvem para aqui os dois a vista?... Porque?

SEVERO

Vaes entrando na razão.

JULIÃO

Vou entrando em tua loucura!

Ai! a calúnia é segura:

Vae direita ao coração!

(Dirige-se com Severo ao refeitório.)

(Cae o panno)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

A scena apresenta uma sala pequena e excessivamente modesta, quasi pobre. Uma porta ao F.; á D. do espectador uma porta unica; á esquerda uma janella de balcão. Uma estante de pinho com alguns livros; uma meza; uma poltrona. A meza á E; sobre ella uma photographia de D. Julião em um quadro; ao lado outro quadro igual ao anterior mas sem retrato; ambos pequenos. Tambem sobre a meza um candieiro apagado, um exemplar da *Divina Comedia* de Dante, aberto no episodio de Francesca e um pedaço de papel meio queimado; outros papeis soltos e o manuscripto de um drama. Algumas cadeiras. Todos os moveis são pobres em harmonia com a pobreza do quarto. E' dia.

SCENA I

JULIÃO, SEVERO, UM CRIADO

(Os tres entram pelo fundo.)

SEVERO

Está em casa?

CRIADO

Não, senhor.

Sahiu ha muito a passear.

SEVERO

Esperemos; é o melhor.
Com certeza ha de voltar.

CRIADO

Por certo. Mais que o patrão
pontual não ha ninguem,
e duvido que haja alguem
de tamanha exactidão.

Bem. Vae-te.

SEVERO

CRIADO

Sim, D. Severo.
Se fôr mister, com presteza
me chame: lá lóra espero.
(Sae pelo F.)

SCENA II

JULIÃO E SEVERO

SEVERO (Examinando o quarto)

Que modestia!

JULIÃO

Que pobreza,
deves dizer.

SEVERO (Olhando á porta da D.)

Julião,
olha um quarto sem sahida,
(Olhando á porta do fundo.)
e esta ante-sala então!
toda de moveis despida.
E esta saleta acanhada,
se isto póde ser saleta!

JULIÃO

Gabinete de poeta...

SEVERO

E está contado; mais nada!

JULIÃO

Pois bem; mas ingratições,
sentimentos detestaveis,
paixões más e miseraveis
e calumnias de villões,
comece o diabo a contar,
embora e muito depressa,
que jámais ha de acabar!
Isto é que é certo.

SEVERO

Ora essa!
Quiz o acaso...

JULIÃO

Não me digas
isso; eu sei quem tudo fez.

SEVERO

Então quem foi? Eu, talvez!...

JULIÃO

Tu também. Estas intrigas,
antes de ti as formou
o povinho malicioso,
que de um casal venturoso
sem reboço murmurou;
e depois eu, que também
zeloso e mau, sem pensar,
deixei sahir do meu lar
esse mancebo, que tem
provado tanta altivez,
como eu tenho ingratição.
Porque, Severo, tu vês
o meu luxo e ostentação;
dos meus salões a grandeza,
da minha firma o prestigio,
emfim, todo o aureo fastigio
d'esta faustosa riqueza.
Sabes tu de onde procede
tudo isto?

SEVERO

Não estou lembrado.

JULIÃO

Isso é sempre o que succede,
esse é o premio sempre dado
à bondade, ao sacrificio:
O esquecimento profundo!
Sim; é com elle que o mundo
paga sempre o beneficio.
Ah! nós nunca nos lembramos
do favor, que na desgraça,
— sem trombetas nem reclamos —
um bom amigo nos faça.

SEVERO

E's comtigo exagerado;
foi tal a tua bondade,
que até honra e f'licidade
quasi lhe has sacrificado.
Que mais se póde exigir,

ou que mais fizera um santo?
Tudo tem um termo — tanto
o mal como o bem. Quiz ir
embora; é muito orgulhoso,
teimou, reteinou, venceu;
enfim de nada valeu
o teu protesto amistoso.
Como é dono dos seus actos,
e senhor do seu nariz,
uma manhã, porque quiz,
deixou tua casa. Insensatos
planos, que hão de apoquental-o!
Abandonou-te altaneiro
p'ra viver n'este pardieiro!
Mas quem podia evital-o?

D. JULIÃO

Todos, se apenas tratasse
cada qual de sua vida
e da alheia não falasse
batendo a lingua atrevida.
Que lhes importava que eu,
do dever seguindo o trilho,
fizesse de Ernesto um filho
e ella um irmão? Quem deu
direito á malicia alvar
dos mineiros da torpeza
para infamias inventar,
porque eu tinha á minha meza,
com affeição descuidosa,
no theatro e no passeio,
junto a uma joven formosa,
um moço distincto e cheio
de altivez, nobre e bizarro?
Do amor impuro os prazeres
são n'este mundo de barro
entre os homens e as mulheres
o unico laço de união?
Não existe a sympathia,
a amisade, a gratidão?
Ou tal é a villania,
que nos perverte de todo,
que belleza e mocidade
sómente se unem no lodo?
E, quando fosse verdade
o que a turba sem juizo
anda ohi a boquejar,
d'ella eu acaso preciso
para as affrontas vingar?

Tenho os olhos — para vêr;
para vigiar — a attenção;
e p'ra injurias rebater:
ferro, braço, e coração!

SEVERO

Muito bem; de accordo estamos;
mas eu, que sou teu irmão,
que tenho o teu nome... vamos,
devia calar-me?

JULIÃO

Não

Porém devias ter sido,
n'um caso tão delicado,
mais prudente e precavido,
e só a mim, com cuidado
e reserva me avisar,
communicando-me o facto;
e não — assim — levantar
tal celeuma e espalhafato!

SEVERO

Se pequei, pequei sómente
por excesso de cuidado;
quando, porém, francamente,
eu me confesse culpado,
nem por isso, todavia,
se torna o injusto baldão
verdade, e, pois, allivia,
desafoga o coração.

JULIÃO

Não posso desafogar
o meu peito, porque n'elle
arraigou-se, a meu pezar,
esta infamia, que me impelle
para a duvida invencivel,
absurda, feroz e bruta;
de modo que n'esta lucta,
horrorosa, incoercivel,
de dois impulsos contrarios,
a opinião publica quiz
que eu fosse a um tempo juiz
e cumplice! Extraordinarios
factos em que ora me vejo,
e cujo fim não presumo!
Em mim mesmo me consumo,
commigo mesmo pejejo!

cresce-me a duvida amarga,
 ruge o coração exangue,
 e deante de mim se alarga
 um rubro manto de sangue!

SEVERO

Deliras?

D. JULIÃO

Não; quem delira?!
 Minha alma te manifesto.
 Acaso pensas que Ernesto
 de minha casa sahira,
 se eu não tivesse deixado,
 se eu lhe puzesse embaraço?
 E se eu lhe tolhesse o passo
 me teria abandonado?
 Se sahiu foi porque havia
 em minh'alma triste e absorta
 uma voz que me dizia:
 «Deixa-lhe aberta a tua porta,
 «e depois que houver sahido,
 «a tua porta resguarda:
 «que em pontos de honra é sabido
 «que quem confia é mau guarda.»
 O desejo que eu mostrasse
 não o tinha no coração;
 uma voz: — que elle voltasse,
 me dizia, e outra que não.
 A um tempo fazia alarde
 de franqueza e muito acato,
 e era hypocrita e covarde,
 era astuto e era ingrato!
 Não, Severo, não se porta
 assim um homem honrado.

(Deixa-se cair na poltrona que está junto á meza, mostrando grande abatimento.)

SEVERO

Porta-se assim quem se importa
 com o dever de homem casado
 com mulher moça, na aurora
 da idade e da formosura,
 e de espirito exaltado.

JULIÃO

Não digas tal de Theodora:
 Alma limpida e tão pura
 como espelho crystallino,

que imprudentes empanamos,
 se acaso n'um desatino
 a bocca lhe approximamos.
 A luz do sol reflectia,
 antes que as serpes do mal
 chegassem com ousadia
 para fitar o crystal.
 Hoje dentro d'elle estão :
 sombras sem corpos ! deixal-as !
 Tu verás que a minha mão
 dentro em pouco ha de arrancar-as !
 e n'elle então, novamente,
 rasgado o turbido véo,
 refulgirá resplendente
 o limpido azul do céo !

SEVERO

Muito bem.

D. JULIÃO

Nem tanto, não.

SEVERO

Mas que falta ?

D. JULIÃO

Falta tanto !

Facil parece a questão
 e quasi finda ; no emtanto
 assim não é. Torturado,
 n'este lutar incessante,
 bem sinto que a cada instante,
 tem meu character mudado.
 Hoje pareço a Theodora
 tristonho e desconfiado ;
 não sou o mesmo de outr'ora,
 por mais que o deseje ser.
 E ao ver que assim vou mudando,
 deve ir comsigo pensando :
 « Céos ! Que quer isto dizer ?
 « Que é feito do meu marido ?
 « que motivo terá havido
 « para operar tal mudança ?
 « que razões o tem coagido
 « a retirar-me a confiança
 « que sempre me dispensou ?
 « Noto-lhe todos os passos,
 « e bem convencida estou
 « que ha uma causa mysteriosa
 « que o desprende dos meus braços.
 « Qual ? Não sei ! Ah ! desditosa

«que eu sou!» E d'esta maneira
 vae-nos tornando, traiçoeira,
 um ao outro indifferente,
 e aos poucos nos separando!
 A confiança acabou-se
 entre nós. Onde esse brando
 affecto antigo? tão doce,
 tão confiado e seguro?
 onde os colloquios constantes
 de amor? debalde os procuro!
 e onde os sorrisos que d'antes
 eram tão bons e amorosos?
 Hoje estamos bem mudados:
 em mim — zelos rancorosos,
 n'ella — prantos desgraçados;
 eu no meu amor ferido,
 ella ferida tambem
 e por mim, por seu marido,
 no que de mais puro tem:
 seu melindre e seu carinho.
 Eis o ponto em que ora estamos.

SEVERO

Pois se assim é, caminhamos
 por um bem triste caminho.
 Mas se vês tão claramente
 o que se passa — porque
 não dás remedio?

D. JULIÃO

Vanmente
 busco fazel-o. Eu sei que
 sou injusto e faço mal
 se duvidar de Theodora,
 bem sei; não duvido agora;
 mas quem me diz que afinal,
 eu pouco a pouco perdendo
 e elle ganhando, — não hade
 ser finalmente verdade
 esse infortunio tremendo
 que hoje mentira julgamos?

(Chegando-se a Severo, agarrando-lhe um braço e falando-lhe com re-
 concentrada energia e mal contidos zelos).

Porque afinal, — ora vamos! —
 eu — o sombrio, eu — o zeloso,
 eu — o tyranno, eu — o malvado;
 e elle — o nobre, o generoso,

sempre doce e resignado!
 Com a aureola do martyrio,
 que é tão formosa e attrahente,
 e faz o encanto, o delirio
 das mulheres — é evidente,
 será elle, meu irmão,
 quem ha-de — nem ha negal-o —
 levar o melhor quinhão,
 ganhando o que eu vou perdendo,
 e, sem poder reparal-o,
 meu infortunio fazendo
 Eis francamente a verdade;
 e mais: — O mundo traidor,
 por distracção, por maldade,
 com seus perfidos reclamos,
 entre os dois desperta o amor;
 e embora, em face d'aquillo,
 exclamem: «Não nos amamos!»
 á força de repetil-o,—
 por pensal-o acabarão.

SEVERO

Se assim é, creio, Julião,
 que será mais acertado
 deixar que Ernesto prosiga
 no plano que tem formado,
 e executal-o consiga.

D. JULIÃO

Pois para impedil-o venho.

SEVERO

Pois é grande insensatez.
 Que siga no louco empenho!
 A Buenos-Aires deseja
 ir! Pois que vá d'uma vez!
 e vento fresco! Ora veja!

D. JULIÃO

E queres tu que eu pareça
 a Theodora — baixo e ingrato,
 e o seu desprezo mereça
 por ciumento e insensato?
 E' que nem sabes, sequer,
 que o homem que é desprezado
 poderá ser seu amante,
 mas que se elle fôr casado,
 ficará desde esse instante

para sempre deshonrado.
 Desejas tu que Theodora,
 com a sua imaginação
 acompanhe — mares fóra —
 das aguas pela amplidão,
 o desterrado infeliz
 que a chorar se foi embora,
 demandando outro paiz ?
 Pois não vês que se eu achasse
 de uma lagrima o signal
 na sua pallida face
 e sequer desconfiasse —
 o' pensamento infernal ! —
 que esse pranto ella o vertia
 por *elle*, no mesmo instante

(Com reconcentrado furor.)

nas minhas mãos morreria,
 suffocada e delirante ?...

SEVERO

Mas, então que é que devemos
 fazer ?

D. JULIÃO

Esperar sómente.

E' preciso que deixemos
 que isso vá naturalmente.
 Ao mundo cabe o dever
 de dar desenlace ao drama,
 visto que lhe deu a trama,
 e soube o enredo tecer
 com seu vivo olhar fatal ;
 tão certo é que o olhar do mundo
 é poderoso e fecundo
 para o bem ou para' o mal.

SEVERO (Acercando-se do F.)

Ahi vem alguém, Julião.

CRÍADO (De dentro mas sem apresentar-se)

Não se demora o patrão.

SCENA III

JULIÃO, SEVERO, PEPITO (Pelo fundo)

SEVERO

Tu, aqui ?

PEPITO (A'parte)

Bonito! já
o souberam! 'stou logrado!
Todos junctos! Bello achado!

(Alto) Adeus, tio; adeus, papá.
(A'parte) Sabem de tudo: cuidado!
(Alto) Vieram naturalmente
ver Ernesto

SEVERO

Certamente.

JULIÃO

Estarás tu ao corrente
do que ora faz esse louco?

PEPITO

Do que?... Ah! sim! sei um pouco:
o que sabe toda a gente.

SEVERO

E a viagem? Que resolveu?

PEPITO

Que amanhã ha de partir,
visto ter que decidir
hoje, aqui...

JULIÃO (Com estranheza)

Que dizes?

PEPITO

Eu?

O que ouvi a Pepo Uceda
hontem á noute; é o padrinho
do Visconde de Nebreda...
Ah! se acaso direitinho
não se portar na rascada...
(Notando a surpresa de Severo e Julião:)
Pois não sabem ao que alludo?
Cuidei que...

JULIÃO (Com resolução, impedindo um movimento de Severo)

Sabemos tudo.

SEVERO

E' que nós...

JULIÃO (A Severo, áparte)

Não digas nada!
(Alto) Que parte amanhã ouvimos,

e hoje vae jogar a vida.
Para duello e partida
evitar — foi que aqui vimos.

(Em toda esta scena D. Julião finge estar inteiramente ao facto do lance, afim de illudir Pepito, obrigando-o a dizer tudo, embora esteja bem claro que fôra sómente por causa da viagem de Ernesto, que elle veiu á sua casa. O auctor recommenda os pormenores e accidentes do dialogo á perspicacia dos seus interpretes.)

SEVERO (A'parte a Julião)

Que duello ?

JULIÃO (O mesmo, a Severo)

Não sei ; de prompto,
porém, tudo sabereinos.

PEPITO (A'parte)

Bem : não fiz papel de tonto.

JULIÃO (Com ares de muito inteirado)

Perfeitamente sabemos...
que com um visconde...

PEPITO

Sim.

JULIÃO

...tem Ernesto combinado
um duello... Foi-nos contado
quer a teu pae, quer a mim,
por pessoa criteriosa
que soube logo do facto...

Uma historia escandalosa,
(Gesto affirmativo de Pepito)
muita gente ; espallhafato,
(O mesmo)

mentes tu ! não minto ! um cento
de palavras em roldão...

PEPITO (Interrompendo-o com o afan e o prazer de quem sabe mais)

Palavras ? um bofetão
maior do que um monumento !

SEVERO

Mas quem apanhou ?

PEPITO

Nebreda.

JULIÃO (A Severo)

Nebreda ! Ouviste, Severo ?
 (Alto, a Pepito.)
 Tornara-se tão azeda
 a rixa, e em tai desespero
 se viu Ernesto, que, enfim,
 perdeu a calma e estourou !

PEPITO

Justo.

JULIÃO (Com sufficiencia)

De principio a fim,
 alguém tudo nos contou.
 (Com anciedade mal contida)
 E é serio o lance ?

PEPITO

Mui serio ;
 dizel-o pezar me dá,
 mas com os senhores já
 é inutil fazer mysterio.

JULIÃO

Certamente ; e com que fim ?

(Acercam-se anciosamente de Pepito, este faz uma pausa e se dá o tom de quem comunica uma noticia má).

PEPITO (Olha-os com ar de triumpho)

Pois é de morte ! E o visconde,
 não se assusta, nem se esconde :
 é um grande espadachim !

JULIÃO

E a questão ? Pelo que sei,
 deu-lhe o visconde razão...

PEPITO

Pequena foi a questão,
 e como foi lhes direi.

(Pausa. Severo e Julião acercam-se d'elle com profunda anciedade)

Ernesto, que desejava
 deixar amanhã Madrid,
 uma passagem no *Cid*,
 bem cedo em Cadiz comprava
 e como Luiz Alcaraz
 promettido ha muito havia
 uma carta que dizia

ser de effeito efficaz,
como recommendação,
Ernesto, na boa fé,
foi recebê-la ao café,
com a melhor intenção.
Mas tendo Alcaraz sahido,
resolve esperal-o. Então,
— sendo alli desconhecido —
ouve uns sujeitos, que vão
continuando com gosto
na vida alheia a *cortar*
sem nenhum d'elles o rosto
de Ernesto e os modos notar.
Veiu a baila toda a gente;
quem ha que á lingua resiste?
Alli passou-se revista
a todo bicho vivente.
E n'esse jury bizarro,
mais fumarento que um trem,
entre a cinza do cigarro
e os copos que vão e vem,
e entre o assucar espargido,
n'essa enorme confusão,
foi o marmor convertido
em meza de dissecação,
A cada mulher cuspidá:
mais um copo que se exgota!
e entre os chascos e a risóta,
vão chagando a alheia vida,
e com quatro tesouradas
deixaram esses madraços,
as honras — estarripadas,
e as damas — feitas pedaços.
E, contudo, na verdade,
isso que foi? isso que é?
Dichotes da sociedade
sobre as mezas de um café.
Quem tal diz, certo, não sou,
nem o penso: — é manifesto.
Mas isto disse-me Ernesto
quando o facto me contou.

JULIÃO (Impacientado)

Então? Não acabarás?

PEPITO

Por fim — entre mais de cem
nomes, ouviu-se o... de alguém,
e Ernesto não poude mais!

«Quem se atreve a escarnecer
de um homem honrado? — exclama.
Responderam-lhe: — «Uma dama.»
E nomeou-se uma mulher.
A arder-lhe em rãiva o semblante,
lancou-se sobre Nebreda
foi logo sopapo e queda...
E n'um campo de Agramante
transformou-se esse local.
E eis o fim da trapalhada:
hoje um duello, e logo á espada!
n'um salão, mas não sei qual.

JULIÃO (Agarrando-lhe fortemente um braço)

Era eu esse homem? !...

PEPITO

Senhor!

JULIÃO

E Theodora era a mulher?!
Té onde foram descer
o meu nome e o meu amor!

(Cae sobre a poltrona, occultando o rosto nas mãos)

SEVERO (A'parte, a Pepito)

Que fizeste desgraçado?

PEPITO (Idem a Severo)

Pois não disse que o sabia?
Eu então... por isso... cria...

D. JULIÃO

Deshonrado! deshonrado!

SEVERO (Acercando-se d'elle, com carinho)

Julião!

D. JULIÃO

E' verdade; é!
bem sei: é preciso calma,
mas ah! eu fico sem alma
se acaso me foge a fé!
(Cosendo-se ao irmão, com ancia)
Porque, porque d'este modo
nos informam, entretanto?
qual a razão porque tanto
sobre nós atiram lodo?
Que importa? Ao fim hei de ir ter

sempre leal e sincero ;
Conto contigo, Severo ?

SEVERO

Se contas ?! Até morrer !
(Apertam-se as mãos com força)

JULIÃO (A Pepito)

O duello ?

PEPITO

A's tres.

D. JULIÃO

Eu o mato !
Se o mato ! (A Severo)
Vamos.

SEVERO

P'ra onde ?

D. JULIÃO

Procurar esse visconde.

SEVERO

Tratas talvez de...

JULIÃO

Sim ; trato
de fazer tudo o que posso :
vingar minha honra offendida
e tambem — salvar a vida
d'esse honrado e bravo moço !
(A Pepito :)
Dize : — os padrinhos quem são ?

SEVERO

Os dois : — Rueda e Alcaraz.

JULIÃO

Conheço-os (A Pepito :) Nada dirás,
se houver alguma occasião
e vier Ernesto...

PEPITO

Entendido.

JULIÃO

E depois, sem parecel-o,

indaga onde é que o duello
deve ser.

SEVERO (A Pepito)

Toma sentido.

JULIÃO

Vem.

SEVERO

Que tens, Julião?

JULIÃO (Apertando-lhe um braço nervosamente)

Prazer!

e como nunca senti!

SEVERO

Que diabo! Não estás em ti!
Prazer?!

JULIÃO

De esse moço ver.

SEVERO

A Nebreda?

JULIÃO

Sim; repara
que a vil calúnia tem sido
impalpavel até hoje,
e até hoje ver-lhe a cara
embalde tenho querido,
porque se esgueira e me foge.
Mas já sei onde se esconde;
tomou corpo humano, enfim;
vejo-a ali deante de mim,
sob a fórma de um visconde.
De fel e de sangue ardente
tres mezes! por Belzebúth!
e agora... imagina-o tu:
— Eu e elle— frente a frente!...
(Saem pelo fundo Julião e Severo)

SCENA IV

PEPITO (Só)

Pois, senhores, é uma intriga,
e como nunca se viu!
Mas tambem, por mais que diga

contra o que affirmo meu tio,
foi rematada loucura,
foi provocar um affecto
pôr debaixo de um só lecto
um aujo de formosura
e Ernesto, moço garboso,
alma de fogo e lyrismo,
talento fantasioso,
todo entregue ao romantismo.
Solemnemente elle jura
entre elles nada existir
além da affeição mais pura,
que dois irmãos possa unir.
Porém eu,— que vejo fundo,
e apezar de moço, hei visto
muitas cousas n'este mundo;—
eu não me levo por isto,
não me fio da *irmandade*
entre tão jovens *maninhos*.
Mas vá que seja a amizade
que os enlaça em taes carinhos
Quem é que o pôde saber?
Nao o comprehende ninguem,
e ninguem tem o dever
de pensar de tudo bem.
Pois junctos não se apresentam
no Retiro, no passeio,
no theatro? Isso commentam
os que o vêem. Nem ha meio
de evital-o, certamente;
pois que, taes cousas notando
varias vezes toda a gente,
toda a gente o vai contando.
Mas Ernesto, commovido,
«que não, que não» me jurava
e, «rara vez», affirmava,
junctos haviam sahido.
Foi isso uma vez? Se acaso
cem pessoas, então vissem,
o mesmo fôra em tal caso
que se cem vezes sahisse.
Pois, senhores, ha de a gente
testemunhas inquirir,
e datas cuidadosamente
confrontar, para induzir
quantas vezes realmente
foi que os dous junctos andaram?
se uma ou muitas, por ventura?
e á luz do dia passaram

sua sympathia tão pura
e seu fraternal carinho ?
Isto não é rasoavel
nem serio, e fôra mesquinho
se fosse realisavel.
Cada um do que sabe fala,
e n'isso culpa não tem ;
«— Eu os vi uma vez» — propala
este ; e aquelle : «Pois tambem
eu uma vez junctos os vi...»
Um e um são dous, e aqui
já duas vezes nós temos.
«Eu tambem» diz um terceiro.
Mais outra vez registremos...
E quatro e cinco e um milheiro,
e de tal sorte sommando,
quem sabe onde se vae ter?...
Olharam : foram notando,
pois que os olhos são p'ra vêr,
sem que se queira saber
se o visinho gosta ou não.
Que elle se metta comsigo,
e se lembre que, de facto,
quem evita a occasião,
tambem evita o perigo !
(Pequena pausa.)
E olhem que dou de barato
a pureza da affeição !
Isto é gravissimo assumpto !
pois penso que p'ra estar juncto
de Theodora, sem amal-a,
é preciso ser penedo
frio, immovel, duro e quêdo,
que nem mesmo o raio abala.
Sim, Ernesto é um metaphysico,
é um philosopho insano,
pensador arguto e fino,
e mathematico e physico...
porém ai ! tem corpo humano,
e ella tem corpo divino !
e por tanto ha de ser fraco,
e basta da carne um grito
para que — *Corpo di Baco!* —
haja corpo de delicto!...
Ah ! se as paredes falassem !
se os pensamentos de Ernesto
fôrma tangivel tomassem
n'este seu quarto modesto !
Vejamos : Esta moldura...

este quadro está vasio,
 porém n'aquelle figura
 o retrato de meu tio.
 Inda ha bem pouco o retrato
 de Theodora estava alli;
 está hoje a bom recato...
 Porque se sumiu d'aqui?
 Pr'a evitar a tentação?

(Senta-se juncto á meza.)

Se é esta a causa, a reprovó!
 e inda peor se a razão
 foi — procurar sitio novo,
 abrigo no coração.

Vamos; falae, mensageiros
 invisiveis da suspeita,
 ó diabretes chocarreiros,
 que tendes a mão affeita
 ao urdimento sophistico
 da intriga, e da invenção!
 accusae sem comj aixão!
 esse philosopho mystico!

(Descobrimdo com o olhar, sobre a mesa, o poema do Dante.)

Ahi temos cousa, por certo.

Nem uma vez aqui vim
 que não encontrasse assim
 este bello livro aberto.

(Lendo)

•Divina Comedia,» «Dante.»

O seu poema adorado! (Reparando.)

Porém... já tenho notado
 que n'este ponto é constante:

— Francesca; d'aqui não passa.

Ah! este caso tem graça;
 e apenas, como se vê,
 tem duas explicações:

Ou que Ernesto nunca lê,
 e é incrível tal desleixo
 n'esse rei dos sabichões,
 ou lê sempre o mesmo trecho.

Mas... vejo agora... Que é isto?

Esta pagina manchada
 por uma lagrima!... O' Christo,

quanta tristeza ignorada?

sob mostras de prazer
 quanto mysterio não jaz!

e como é difficil ser
 casado e viver em paz!

Cá está um papel queimado... (Levantando-o da mesa ou do chão.)

mas não de todo estragado...

(Levanta-se e aproxima-se da janella, procurando ler no papel. N'este momento entra Ernesto e detem-se observando-o.)

SCENA V

PEPITO, ERNESTO

ERNESTO

Que estás ahí lendo?

PEPITO

Ernesto? Ah!

Um papel que aqui rolava...
e a ventania levava...

ERNESTO (Tomando-o e devolvendo-lh'o, depois de um instante de observação)

O que é isto nem sei já...

PEPITO

São versos. Sabel-o vaes:

(Lendo, mas difficilmente.)

«O fogo que me devora»

(A'parte) Bravo! rima com Theodora!

ERNESTO

Qualquer cousa...

PEPITO (Desistindo de lêr)

E nada mais,

ERNESTO

Esse papel sem valor
symbolisa a nossa vida:
alguns gemidos de dôr
e fria cinza espargida.

PEPITO

Mas são versos?

ERNESTO

Sim. Não sei

muitas vezes que fazer
e a penna deixo correr.
Assim á noute os tracei.

PEPITO

E então para mais dextro
descrever a situação,
buscavas inspiração
do grande genio no estro.

ERNESTO

Pode ser.

PEPITO

Não ha negar :
E' uma obra gigantesca !
(Apontando o livro)
Episodio de Francesca . .

ERNESTO

Hoje estás para acertar.

PEPITO

Nem tanto, por Belzebuth !
Ahi mesmo onde está aberto
ha um ponto em que não acerto,
e que explicar-me vaes tu
com teu talento brilhante.
Eis o caso : Diz o Dante,
que lendo um livro de amor,
por passatempo e mais nada,
Paolo e Francesca adorada
chegam ao ponto em que o auctor,
provando não ser um zote,
galhardamente celebra
amores de Lançarote
e da rainha Ginebra.
Tal fogo para tal roca !
Fala o livro então de um beijo,
e o moço, a arder n'um desejo,
deu-lhe um beijo sobre a bocca.
Em tal ponto e occasião,
o poeta florentino,
com accento peregrino,
e sublime concisão,
diz o que alli acharás
(Apontando o livro)
e tem um sentido ignoto :
que o livro lhes foi Galeoto
e o livro não leram mais.
Não leram mais? Comprehando.
N'isso duvida não ha.
Mas Galeoto, dize-o cá,

quem foi? E' o que eu não entendo;
e tu bem deves sabel-o,
pois é o titulo do drama
(Apontando alguns papeis que se suppõe serem o drama)
que escreveste e tanta fama
te ha de dar. Vamos a ver.
(Pega do drama e o examina)

ERNESTO

Da rainha e Lançarote
foi Galeoto o medianeiro,
e em amores o *terceiro*
pode chamar-se por mote,
e com verdade — o *Galeoto*.
Sobre tudo tendo em mira
evitar nome que fira,
para evitar alvoroto.

PEPITO

Compreendi perfeitamente.
Mas não ha uma expressão
na lingua, mais clara e á mão?

ERNESTO

Sim; muito propria e eloquente.
Este officio que em dobrões
converte as leviandades,
e, entrelaçando vontades,
se alimenta de affeições,
ah! sim, tem nome e eu o sei,
mas não o posso dizer...
Medita qual possa ser;
(Mostrando o drama)
pois ahí mesmo o não direi.
(Arranca o drama das mãos de Pepito e o atira sobre a moza)
Em cada caso especial
um *Galeoto* vejo e noto;
mas ás vezes é *Galeoto*
toda a massa social.
Obra então sem consciencia
de que exerce tal officio;
por influxos de outro vicio
de mui diversa apparencia;
mas tal astucia se dá
em vencer honra e pudor,
que outro *Galeoto* maior
nem se viu, nem se verá.
Um homem e uma mulher
vivem felizes e em calma,

cumprindo com gosto e alma
 um e outro o seu dever.
 Os dous não nota ninguem.
 E' perfeita a f'licidade ;
 mas n'esta heroica cidade
 muito pouco dura o bem.
 Acontece uma manhan
 que se lhes nota o semblante ;
 e já, desde aquelle instante,
 por teimosa, ou por villan,
 se convence a sociedade,
 sem motivo e intuito serio,
 de que entre os dois ha mysterio
 de impureza e leviandade
 E está dito ! e está acabado !
 Não ha razão que os convença,
 nem argumento que os vença,
 nem tem honra o mais honrado !
 E o terrivel d'esta acção
 está em que — ao começar
 nao ha razão, e, ao findar,
 pode ser que haja razão !
 A atmospherá é tão densa,
 — a que os miseros circumda —
 onda tão forte os inunda,
 e a pressão é tão intensa,
 que se acercam sem sentir,
 e se ligam sem querer,
 e confundem-se ao cahir,
 e idolatram-se ao morrer !
 O ariete foi o mundo.
 que virtudes arruinou ;
 elle a infamia preparou...
 foi o *Galeoto*... (A'parte)
 Vae-te immundo
 pensamento ! maldição !
 que o teu fogo me devora !...

PEPITO (A'parte)

Se assim tambem diz Theodora,
 Deus proteja D. Julião !
 (Alto) E acaso sobre este dado
 foi que tu fizeste aquillo? (Aponta para o papel queimado)

ERNESTO

Certamente.

PEPITO

Tão tranquillo

que assim 'steja e descuidado,
o seu tempo a dissipar,
sem occupar-se de nada,
quem dentro em pouco ha de estar
brandindo em lucta uma espada
com o visconde, que, em rigor,
com uma espada na mão
é homem — parece peta!
quem o não vir, não crê, não.
Pois não seria melhor,
em vez de idyllos de poeta,
preparar um golpe recto,
e uma parada em terceira,
do que cansar a inoleira
sobre tal verso incorrecto,
ou sobre tal consoante
declarado emprestadio?
com todo esse sangue frio
nao pensas que estar deante
do visconde é serio?

ERNESTO

Eu?

Não. E com muito bom fundo:
se eu o mato, ganha o mundo;
se me mata, o ganho é meu.

PEPITO

Bem. Melhor é isto assim.

ERNESTO

Mas deixemos este assumpto

PEPI O (A'parte)

Com austucia lhe pergunto
agora... (Acercando-se d'elle e em voz mais baixa.)
E é hoje?

ERNESTO

Hoje, sim.

PEPI O

No campo?

ERNESTO

Não. A tal hora
não: pois ninguem ignora
o meu duello com o visconde.

PEPITO

Em alguma casa então ?

ERNESTO

Assim o propuz.

PEPITO

Mas onde ?

ERNESTO

(Tudo o que se segue é dito com frieza e indiferença)

Lá em cima : um salão vasio ;

um magnifico salão,
muito claro e prestadio.

E que falta ?

PEPITO

Armas sómente.

ERNESTO

(Chegando-se ao fundo)

PEPITO

Parece-me que vem gente...

Falam fóra... vem alguém...

Os padrinhos ?

ERNESTO

Pode ser.

PEPITO

Parece voz de mulher... (Chegando-se á porta)

ERNESTO

(Chegando-se tambem)

Mas alguém ha que os detem.

SCENA VI

ERNESTO, PEPITO, CRIADO

CRIADO (Com certo mysterio a Ernesto)

Perguntam pelo senhor.

PEPITO

Quem pergunta ?

CRIADO

Uma senhora.

ERNESTO

E' estranho !

PEPITO (Baixo ao criado)

Pede ?

CRIADO (O mesmo a Pepito)

Chora.

PEPITO (Alto)

E' joven ?

CRIADO

Eu em rigor,
 não o posso decidir : —
 A ante-sala é muito escura,
 e a tal senhora procura
 de tal maneira cobrir
 a cara, que o conhecel-a
 pequena empreza não acho ;
 e fala baixo, tão baixo,
 que até nem pude entendel-a.

ERNESTO

Quem será ?

PEPITO

Quem te quer ver.

ERNESTO

Não atino...

PEPITO (A'parte)

Isto é curioso...

(Alto) Adeus ; tenho que fazer.
 (Dando-lhe um abraço e tomando o chapeo)
 Um abraço e sê ditoso.
 (Ao criado)
 Que é que esperas, paspalhão ?

CRIADO

Que o patrão a mande entrar.

PEPITO (Ao criado)

N'estas cousas, é olhar
 e adivinhar a intenção.
 E depois, até o momento

em que, enfim, saia a embuçada,
 conserva a porta fechada;
 caia embora o firmamento.

CRIADO

Com que então mando-a entrar cá?

ERNESTO

Sim. (A Pepito que já está na porta)
 Adeus.

PEPITO

Adeus, Ernesto.
 (Saem Pepito e o criado pelo fundo)

ERNESTO

Uma dama? Que pretexto?
 Ou que razão?...

(Pausa: n'este momento Theodora apresenta-se á porta do fundo e n'ella se detem. Vem coberta por um véu)

Já aqui está!

SCENA VII

THEODORA, ERNESTO

(Ella pelo fundo sem se atrever a adeantar-se; elle no primeiro plano voltando-se para ella)

ERNESTO

Pois que tal honra me deu,
 (Convidando-a a entrar)
 queira ter minha senhora...

THEODORA (Interrompendo-o e erguendo o véu.)

Perdão, Ernesto.

ERNESTO

Theodora!

THEODORA

Fiz mal em vir?... Diga-me...

ERNESTO (Indeciso e balbuciante)

Eu...

não o sei, visto que ignoro
 a que devo uma honra assim...
 Porém que digo? Ai! de mim!
 Se aqui dentro o seu decóro

ha-de achar respeito tal... (Com exaltação)
 que maior não possa ser,—
 porque, senhora, tremer
 que n'isso possa haver mal?

THEODORA

Por nada... E um tempo esquecido —
 mas para sempre passado! —
 houve, em que nem duvidado
 eu teria, nem temido;
 em que cruzára um salão
 qualquer, ao seu peito unida,
 sem a fronte enrubecida,
 sem medo no coração;
 em que, se partisse assim
 como dizem, então .. sim...
 como aquelles que se vão
 talvez não possam volver...
 como é tão triste perder
 um amigo... ante Julião...
 ante o mundo... commovida,
 porém sem outro cuidado...
 eu mesma... lhe houvera dado...
 os braços por despedida!...

ERNESTO (Faz um movimento, mas detem-se logo)

Ah! Theodora!...

THEODORA

Mas agora...
 o mesmo já não se dá...
 Um abysmo entre nós ha.

ERNESTO

Tem razão minha senhora.
 Já não podemos querer-nos,
 nem ao menos como irmãos,
 O contacto as nossas mãos
 Já mancha, se alguém nos vê,
 Mas o que foi já não é
 Necessitamos vencer-nos!...
 devemos aborrecer-nos!

THEODORA (Com ingenuidade e angustia)

Aborrecer-nos! Porque?

ERNESTO

Tal cheguei a proferir?...
 Eu aborrecel-a?

THEODORA

Sim.

ERNESTO

Não faça caso de mim.
 Se a ocasião exigir
 a minha vida e a quizer —
 tão triste e tão dolorida! —
 dar-lh'a-lhei, pois dar-lhe a vida

(Com paixão:)

Será... (Transição: contendo-se e mudando de tom:)
 cumprir um dever.

(Pequena pausa)

Aborrecer! . . Sem juízo,
 se eu disse palavra tal,
 é que pensava no mal,
 nos desgostos, no prejuízo
 que dei — sem querer — perdão!
 a quem tanto me queria!...
 A senhora, sim, devia
 me aborrecer, mas eu... não!

THEODORA (Com tristeza)

Muito me hão feito chorar.
 Ah! n'isto sim, tem razão:
 (Com muita doçura)
 mas a si meu coração
 não quer, nem pôde accusar.
 Nem, pensando sem despeito,
 pode condemnal-o alguém:
 O senhor que culpa tem
 do mal que os outros tem feito?
 ou do empenho venenoso
 que mostra este mundo impio,
 ou do character sombrio
 que tem o meu pobre esposo?
 do seu entojó, que é dôr,
 do seu modo, que me corre,
 das tristezas em que morre,—
 pois que até do meu amor
 duvida...

ERNESTO

Pois justamente,
 n'elle, menos que em ninguém
 tal facto desculpa tem.
 Tortura-me cruelmente,
 só o pensal-o, e protesto
 e juro — que não merece

perdão, e que se envillece,
e não é homem honesto,
esse homem — que puder,
sincero no coração,
(Com ira profunda)
desconfiar de uma mulher
como a que tem D. Julião.

THEODORA

Mas a duvida bem cara
lhe tem custado...

ERNESTO (Espantado de haver accusado D. Julião deante de Theodora)

Mas não!
Que é isto? Accusal-o? Eu?
(Apressando-se a desculpar D. Julião e a destruir o effeito do que dissera)
Sim, a duvida cedeu,
como qualquer duvidára;
e duvida quem adora:
não existe amor sem zelos...
quem é que póde contel-os?
Se ha quem duvide, Theodora,
de Deus mesmo!? E' o que se chama
egoismo: De aureo thesouro
o dono — guarda o seu ouro,
porque é ouro e porque o ama;
eu mesmo — ó doce illusão! —
se a possuil-a chegara,
(Com crescente exaltação)
duvidára, duvidára
até do meu proprio irmão!

(De repente detem-se, ao observar que vae cair no mesmo abysmo de que anteriormente fugira. Theodora n'este mesmo instante ouve vozes ao fundo e dirige-se á respectiva porta.)

(A'parte) Coração, onde é que vás?
que ha no teu seio profundo?
Se te calumnía o mundo
como é que razão lhe dás?

THEODORA

Ouçã, Ernesto... Alguem chegou...

ERNESTO (A'parte, vendo o relógio)

Duas apenas... (Indo ao fundo)
Serão?...

THEODORA (Com certo terror)

Ouçã a voz de Julião.
Vae entrar, vae...

ERNESTO

Não; parou ..

THEODORA (O mesmo, como perguntando a Ernesto)

E se fôr Julião...?

(Faz um movimento para dirigir-se á porta da D; Ernesto detem-a respeitosa, porem energicamente.)

ERNESTO

Aqui...

recebel-o-hemos lealmente...

porem se fôr... *essa gente*...

(Apontando-lhe a porta da D.)

Então, Theodora, olhe: — alli...

(Prestando ouvido)

Nada ouço.

THEODORA

Meu coração

salta...

ERNESTO

Não ha duvidar:

já se foi quem quiz entrar,

ou foi tudo uma illusão.

(Vindo ao primeiro plano)

Por Deus, Theodora...

THEODORA (O mesmo)

Eu queria

falar-lhe, e pr'a isso vim...

mas passa o tempo e por fim...

ERNESTO

Vôa o tempo!

THEODORA

Bem. Dizia

eu...

ERNESTO

Theodora, por favor...

Perdão... Mas... não é prudente...

Se chegasse gente?... E gente

deve chegar...

THEODORA

Ao senhor

vim falar precisamente

para evital-o.

ERNESTO

De modo ?...

THEODORA

Que sei do negocio todo.
O sangue que vão verter
sòmente por meu respeito,
eu o sinto na face arder

(Comprimindo o seio)

e todo affluir-me ao peito !

ERNESTO

Vamos ; porque não se esconde,
misera flôr offendida,
até que eu arranque a vida
a esse perfido visconde ?
Quiz lodo ? Pois terá lodo
de sangue ! !...

THEODORA (com espanto)

Sua morte ?

ERNESTO

Sim

(Reprimindo um movimento de supplica de Theodora.)

Bem sabe : dispõe de mim ;
às suas ordens de todo
estou—com uma excepção :—
a de não querer que eu tenha,
lembrando a injuria ferrenha,—
por Nebreda compaixão.

THEODORA (Com accento choroso e supplicante.)

Ah ! mas por mim !

ERNESTO

Por si ?

THEODORA

Sim.

Será o escandalo horrivel !

ERNESTO

E' possivel.

THEODORA

E' possivel ? !...

E o senhor o diz assim ? !
E não procura evital-o,

quando a pedil-o só venho ?

ERNESTO

Esse poder já não tenho ;
posso porém castigal-o.
Assim penso, assim o digo.
Corre isto por minha conta.
Buscaram outros a affronta,
eu buscarei o castigo.

THEODORA (Approximado-se d'elle e falando-lhe em voz baixa, como temendo ouvir-se a si propria)

E Julião ?

ERNESTO

Julião ? Pois bem...

THEODORA

Se o souber...

ERNESTO

Sabel-o-ha.

THEODORA

E que dirá ?

ERNESTO

Que dirá ?

THEODORA

Sim ; pois é claro que... quem
deve mostrar seu valor
por mim, é elle que me ama
e é meu marido...

ERNESTO

A uma dama,
todo o homem, que honrado fôr,
defender pode, sem ser
parente, amigo ou amante :
pois escutar é bastante
que se insulta uma mulher.
A esse duello por que vou ?...
Porque foi que a defendi ?...
Foi porque a calumnia ouvi,
e porque, emfim, sou quem sou.
Quem estranha a peripécia

que tal direito negasse.
 Não 'stava eu lá? Defendêsse-a
 o primeiro que chegasse.

THEODORA (Que o tem ouvido attentamente, como dominada pelo tom energico
 de Ernesto, aproxima-se d'elle e aperta a mão com effusão)

Isso é de homem nobre e honrado,
 e era em si caso previsto!

(Detem-se, afasta-se tristemente e diz:)

Mas meu marido com isto,
 Ernesto, fica humilhado.

(Com profunda convicção.)

ERNESTO

Elle, humilhado?!...

THEODORA

Assim é.

ERNESTO

Porque razão?

THEODORA

Sem razão.

ERNESTO

Quem o dirá?

THEODORA

A opinião

de todos.

ERNESTO

Porém por que?

THEODORA

Quando souber essa gente
 que foi meu nome offendido,
 e que não foi meu marido
 quem o perfido insolente
 castigou... e ainda mais:

(Baixando a voz e a cabeça e evitando o olhar de Ernesto)

que o senhor tomou-lhe o posto,
 haverá novo desgosto;
 e em vez do escandalo dado,
 dois escandalos fataes
 n'este caso desgraçado!

ERNESTO (Convencido, mas protestando)

Se se ha de pensar em tudo
 que acaso possam dizer,

por mais que se faça estudo,
não ha modo de viver.

THEODORA

Já vê que tenho razão.

ERNESTO

Assim é; mas é horrivel!

THEODORA

Pois então ceda.

ERNESTO

E' impossivel.

THEODORA

Mas se eu lhe supplico!...

ERNESTO

Não.

E bem pensado, Theodora,
melhor será que a Nebreda, —
embora o peor succeda, —
pois o futuro se ignora, —
accuda eu; por que, emfim,
a esse visconde malvado,
o que lhe falta de honrado
lhe sobra de espadachim.

THEODORA (Um tanto offendida da especie de protecção um pouco humilhante
que Ernesto dispensa a Julião.)

Mas coragem tambem tem
D. Julião.

ERNESTO

Sorte fatal!
Ou me exprimo muito mal,
ou não me comprehende bem.
Eu confesso o seu valor;
mas entre homens de coragem,
desde que se lhes ultrajem
nome, honra e pundonor,
não se pode adivinhar
o que possa acontecer,
nem quem vencido ha de ser,
nem quem logrará matar.
E se o visconde puder
vencer no lance funesto,
entre D Julião e Ernesto

(Com sinceridade, mas triste)
a escolha é facil de ver.

THEODORA (Com verdadeira angustia)

O senhor?... Não! Está louco?

ERNESTO

Porque? se esta ó a minha sorte?
Quem perde com a minha morte,
se eu mesmo perco tão pouco?!

THEODORA (Quasi sem poder conter o pranto)

Não diga isso, por Deus!

ERNESTO

Pois que deixo eu n'este mundo?
que estima, que amor profundo?
Atraz dos despojos meus,
que mulher irá pranteando
com prantos de enamorada?

THEODORA (Sem poder conter as lagrimas)

Ah! toda a noute passada
estive por si rezando...
E diz que labio nenhum...

(Com explosão)

Bem vê:— não pode morrer!

ERNESTO

Sim, reza-se por qualquer,
(Com paixão)
mas só se chóra por um!

THEODORA (Com estranheza)

Ernesto!...

ERNESTO (Assustado de suas proprias phrases)

Que?!...

THEODORA (Separando-se d'elle)

Nada...

ERNESTO (Com timidez, baixando a cabeça e fugindo tambem de Theodora)

Sim...

se eu já lhe disse ha bocado:
Sou um louco, um desastrado,
Não faça caso de mim.

(Pausa. Ficam quietos, silenciosos, longe um do outro e sem ousarem encarar-se.)

THEODORA (Apontando ao fundo.)

Outra vez!

ERNESTO (Seguindo o movimento de Theodora)

Ouço ruido.

THEODORA (Indo ao F. prestando ouvido)

Alguem quer entrar.

ERNESTO (Idem)

Vem gente.

(Apontando-lhe o quarto)

Alli.

THEODORA

Que venha; innocente
estou...

ERNESTO

Não é seu marido.

THEODORA

Não é Julião?! (Ernesto faz um signal negativo e leva-a á D.)

Eu esperava...

(Parando junto á porta, supplicante)

A esse duello não vá!

ERNESTO

Impossivel! Pois se eu já
o esbofetei!...

THEODORA

Ignorava!

(Com desespero, mas comprehendendo que é impossivel qualquer accordo)

Pois fuja!

ERNESTO

Perco a razão!

THEODORA

Por mim, por elle, por Deus!

ERNESTO

Odio... sim... mas — justos céus!
o desprezo d'elle?! oh! não!

THEODORA (Com desespero)

Uma palavra e não mais:
vem buscal-o?

ERNESTO

Não é hora.

THEODORA

Jura-o?

ERNESTO

Juro, sim, Theodora.
Aborrece-me?

THEODORA

Jamais!

PEPITO (Fóra)

Deixa... vel-o necessito!

ERNESTO

Vamos!

THEODORA (Entra pela D.)

Sim.

PEPITO

Quem se me oppõe?

ERNESTO

Oh! A calúnia se impõe,
e faz real o delicto!...

SCENA VIII

ERNESTO, PEPITO

(Este pelo fundo, sem chapéo e profundameate agitado)

PEPITO

Vae p'ro diabo!... Entrarei!
Ernesto! Ernesto!...

ERNESTO

Que é lá?...

PEPITO

Ah! nem sei como o direi...
e é necessario...

ERNESTO

Diz já!

PEPITO

Meu cerebro se espedaça ;
sinto-o arder.. Quem o pensára !

ERNESTO

Vá ; diz-me a cousa e clara !
que foi ? Dize.

PEPITO

Uma desgraça.

(Muito rapidamente)

D. Julião poudo saber
do duello e sem tardar,
quiz nelle parte tomar
e veiu logo aqui ter ;
mas aqui não te encontrando,
com teus padrinhos falou
e logo á casa os levou
do visconde ; alli chegando...

ERNESTO

Como o conseguiu ?

PEPITO

Sei lá !

Elle era como um tufão,
deante de si, de roldão
tudo levava... Nem ha
quem possa contel-o !

ERNESTO

E emfim ?...

PEPITO (Soparando-se de Ernesto e indo ao F.)

Espera. Não ouves nada ?...
creio que descem a escada...

ERNESTO

Quem será ?

PEPITO

São elles, sim ;
trazem-n'ó em braços... coitado !

ERNESTO (Trazendo Pepito com violencia ao primeiro plano)

E' espantoso ! dize o resto.

PEPITO

Pois bem. Escuta-me, Ernesto :
estava desesperado ;
forçou-o a bater-se ; então
disse o visconde : «Pois bem !
os dois !» ; veiu D. Julião
à tua casa logo. Vem.
teu criado, fecha a porta,
e diz que estavas falando
com uma senhora, e ninguém
podia entrar... «Mas que importa ?»
diz elle então, desgalgando
a escada — «Melhor p'ra mim !
fica tudo ao meu cuidado !»
e elle e os padrinhos por fim,
e meu pae e o desalmado
visconde e eu tambem, que vira
todo esse triste incidente,
subimos rapidamente...

ERNESTO

E bateram-se ?

PEPITO

Com ira !
como dois homens que vão
com raiva desesperada
buscar na ponta da espada
o execrado coração !

ERNESTO

E elle?... Não ! Não é verdade !

PEPITO

Já vem ahi... Justos céus !

ERNESTO

Dize que não... por piedade !

PEPITO (Apparecem ao fundo D. Julião, D. Severo e Rueda. Trazem D. Julião
mal ferido. A ordem da E. para a D- é:— Severo, Julião, Rueda.)

Por aqui..

ERNESTO

Valha-me Deus !

SCENA IX

ERNESTO, D. JULIÃO, SEVERO, PEPITO, RUEDA

ERNESTO

D. Julião!... Meu bemfeitor!...

Meu pae!... Meu amigo!...

(Precipita-se ao seu encontro chorando.)

D. JULIÃO (Com voz debil)

Ernesto!

ERNESTO

Maldito — eu!

SEVERO

Vamos; presto!

ERNESTO

Pae!

SEVERO

Vamos; succumbe, á dôr!

ERNESTO

Por mim!

JULIÃO

Não, Ernesto.

ERNESTO

Triste.

de mim!... perdão!

(Tomando-lhe a mão direita e inclinando-se ou ajoelhando-se)

JULIÃO

Que fazer?...

Tu com o teu dever cumpriste,
e eu cumpri com o meu dever.

SEVERO

Um leito!

(Deixa D. Julião que é amparado por Pepito)

PEPITO (Apontando a porta da direita)

Vamos deital-o.

ERNESTO (Com accento terrível.)

Nebreda!...

SEVERO

Não mais loucura !
ou tu queres por ventura,
hoje acabar de matal-o ?

ERNESTO (Frenetico.)

Pois se é loucura verã !
Venham dois... ! E' o meu direito !
(Precipitando-se para o fundo)

SEVERO (Dirigindo-se para a direita.)

Ao teu quarto e no teu leito...

ERNESTO (Que já estava no F. detendo-se espantado)

Onde ?

SEVERO

Lá dentro.

PEPITO

Sim.

ERNESTO (Precipita-se e cobre a porta com o corpo.) Não

(O grupo que conduz D. Julião quasi desfallecido, pára, mostrando assombro)

SEVERO

Recusas ? !

PEPITO

Enlouqueceu !

SEVERO

Sae ! não vês que vae morrer ? !

JULIÃO (Soerguendo-se e fitando Ernesto com assombro e espanto)

Mas que diz elle ?... Não quer ? !

RUEDA

Não comprehendo !

PEPITO

Nem eu !

ERNESTO

Está morrendo... e me implora !...
Meu pae ! duvida !...

SEVERO (Empurra a porta por cima do hombro de Ernesto e abre-a. Aparece Theodora)

Entrará !

Jesus !

ERNESTO

PEPITO e SEVERO

Ella !

RUEDA

Quem será ?

THEODORA (Precipitando-se sobre D. Julião e abraçando-o)

Meu Julião !...

JULIÃO (Afastando-a de si para fitá-la, e, por um violento esforço,
pondo-se em pé e desprendendo-se de todas)

Quem é?... Theodora!!...

(Cae por terra sem sentidos)

(Cae o panno)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração do primeiro acto ; em vez do sofá uma poltrona
É' noite. Um lampeão aceso sobre a mesa.

SCENA I

PEPITO, (só)

(Escuta á porta da D. 2.º plano; depois vem ao centro)

Passou a crise afinal...

Ao menos não se ouve nada,

Pobre D. Julião! Bem mal,

bem mal ficou da estocada.

Muito incerta é a sua sorte!

Não repousa, nem se acalma:

de um lado a morte e outra morte

do outro lado o espera: — a d'alma!

Dois abysmos mais profundos

que um amor sem esperança!

Mas, que diabo de lembrança!

ando a percorrer os mundos

da phantasia e do drama...

Fico romantico á pressa!

tambem se eu tenho a cabeça

feita toda um panorama,

em cujo fundo irradia

o escandalo, a traição,

a infamia, a cavillação!...
 Jesus! que noite, e que dia!
 e o peor não ha sciencia
 que o diga, ou possa prevel-o.

(Pequena pausa.)

Foi temeraria imprudencia
 em tal estado trazel-o.

Mas tambem, qual será o tolo
 capaz de oppor-se, pateta, —
 se ao meu tio se encasqueta
 uma idéa no miollo?

E ha de dar-se-lhe razão:
 pessoa honesta e atrevida
 não ha, que inda tendo vida,
 em tal casa, e occasião
 ficasse; e elle então! que á farta
 tem tempera, e alma a valer!

(Indo ao fundo.)

Ahi vem mamãe para o vér.

SCENA II

O MESMO e DOLORES (Pelo fundo)

DOLORES

Que é de teu pae?

PEPITO

Não se aparta
 um momento de meu tio.
 Sempre pensei que o amava;
 porém que a tanto chegava
 o seu amor, desconfio
 que nunca pensei. Agora,
 se o que eu receio acontece!...

DOLORES

E teu tio?

PEPITO

Esse padece
 e cala. A's vezes: — «Theodora!»
 diz com voz aspera e dura;
 outras vezes diz: — «Ernesto!»
 e o lençol, com rude gesto,

nas mãos crispadas segura ;
 depois deixa-se ficar
 como um marmore sombrio,
 e no ambiente vasio
 fixa tenazmente o olhar.
 Gelado suor de morte
 lhe cobre da fronte o alvor,
 porém de prompto o calor
 o reanima, e fica forte.
 Levanta-se então na cama ;
 escuta, e parece ouvir ;
 diz que *elle* o chama, e *ella* o chama ;
 arroja-se e quer sahir.
 E só a poder de instancias
 meu pae lhe muda as idéas,
 consegue calmar-lhe as ancias.
 Calmar, não que pelas veias
 lhe leva o sangue abrazado
 as iras do coração,
 constantemente ag. tado.
 Minha mãe, causa afflicção
 ver-lhe as contracções da bocca,
 e os magros dedos crispados
 como garras, a voz rouca,
 os cabellos desgrenhados,
 e as pupilas dilatadas
 parecendo que appetecem
 e bebem desesperadas,
 as sombras que lhe apparecem
 em redor do quarto e lóra

DOLORES

E teu pae ?

PEPITO

Põe-se a chorar.

Jura vingança tomar,
 e tambem clama : — «Theodora !»
 e tambem : — «Ernesto» — brada !
 Se os encontra, com o intuito
 que tem, temol-a travada !

DOLORES

Teu pae é muito bom.

PEPITO

Muito ;
 mas com um genio... de leão !

DOLORES

Bem poucas vezes se rala,
mas, chegando a occasião...

PEPITO

E' um tigre de Bengala,
salvo o respeito devido.

DOLORES

Nunca sem razão se exalta.

PEPITO

Não sei se sempre a tem tido,
mas d'esta vez não lhe falta.
E onde está Theodora?

DOLORES

Está
lá em cima, chorando, insana;
uma Magdalena!...

PEPITO

Já!
Arrependida ou leviana?

DOLORES

Não digas isso. Infeliz!...
uma menina!...

PEPITO

Que mata,
dôce, mansa, timorata,
a D. Julião! se o que diz
minha mãe tem importancia,
se é uma menina e tal faz
da vida quasi na infancia,
fiquem mais annos p'ra traz,
e nos accuda o Senhor!...

DOLORES

Não; quasi não é culpada.
Teu amigo, o sonhador,
o dos dramas, d'esta alhada
foi o infame causador!

PEPITO

Mas se eu não nego, ora é boa!

DOLORES

E por onde anda ?

PEPITO

Em demencia,
Ernesto, a estas horas, vóa,
fugindo da consciencia,
pelas ruas, pelas praças !...

DOLORES

Mas elle tem-n'a ?

PEPITO

E' possivel.

D. LORES

Que tristezas !

PEPITO

Que desgraças !

D. LORES

Que desengano !

PEPITO

Terrivel !

DOLORES

Que traicão !

PEPITO

Como um punhal
vibrando por mão que affaga.

DOLORES

Que escandalo !

PEPITO

Sem equal !

DOLORES

Pobre Julião !

PEPITO

Sorte aziaga !

SCENA III

DOLORES, PEPITO, CRIADO.

CRIADO

D. Ernesto.

DOLORES

Tem coragem!...

PEPITO

Assombra um descarado tal!

CRIADO

Eu pensei...

PEPITO

Pensaste mal.

CRIADO

Vem apenas de passagem ;
disse ao cocheiro, ao chegar :
« Já volto ; espere um bocado »

PEPITO (Consultando sua mãe)

Que fazer ?

DOLORES (Ao criado)

Manda-o entrar.

(Sae o criado)

PEPITO

Eu o despeço.

D. LORES

Com cuidado.

SCENA IV

DOLORES, PEPITO ERNESTO.

(Este pelo F. Do:ores sentada na poltrona. Do outro lado, em pé, Pepito.
No 2º. plano Ernesto, sem que ninguem se volte para recebê-lo.)

ERNESTO (Aparte.)

Desdem ! Silencio hostil ! Assombro mudo !
Prodigio de maldade e de insolencia
— serei desde hoje — sem me haver manchado, —
para todos — : pois todos me desprezam.

PEPITO (Voltando-se para elle com voz dura)

Escuta, Ernesto.

ERNESTO

Que ?

PEPITO

Quero dizer-te...

ERNESTO

Que saia, acaso ?

PEPITO (Mudando de tom)

Oh ! não ! Jesus, que idéa !

Era... não mais... que perguntar... se é certo...

(Como procurando que dizer)

Que depois... ao visconde...

ERNESTO (Sombrio abaixando a cabeça.)

Sim.

PEPITO (Estendendo-lhe a mão)

Tua dextra !

ERNESTO

Sai... louco ! Detive-os na descida :
 Subimos outra vez ; a porta fecho.
 Duas espadas, duas testemunhas ;
 depois não sei... dois ferros que se cruzam !
 um grito!... um golpe!... um ai!... sangue que jorra!...
 um assassino em pé... por terra um morto !

PEPITO

Ouviu, mamãe ? ! Que diabo ! és um valente !

DOLORES

Mais sangue ainda ?...

PEPITO

Assim o quiz Nebreda.

ERNESTO (Approximando-se)

Dolores, por piedade !... Uma palavra !
 D. Julião ?... D. Julião ?... ! Ah ! se soubéras
 a minha angustia, a minha dor ! Que dizem ?

DOLORES

Que a ferida mortal tem dentro d'alma,
 e mais se agrava quanto mais do leito
 o senhor, que lh'a abriu, se lhe aproxima
 Saia pois d'esta casa.

ERNESTO

Quero vel-o.

D. L. RES

Saia! e depressa.

ERNESTO

Não.

PEPITO

Tal insolencia!...

ERNESTO (A'parte)

E' mui digna de mim. (A Dolores com respeito)

Perdão, senhora.

Sou apenas aquillo que desejam.

D'LORES

Por Deus, Ernesto!

ERNESTO

Escute-me, Dolores:

Quando um homem como eu se menospreza,
 e sem razão infame se lhe chama,
 quando o forçam a ser um criminoso,
 é para todos arriscada a lucta;
 porém não para mim, que em pugna brava
 com invisiveis seres, hei perdido
 honra, carinho, amor e me não resta
 mais a perder do que uns farrapos tristes
 de insipida e monotona existencia.
 Vim sómente saber se uma esperanza
 inda resta... Pois bem! porque me negam
 este consolo? (A Dolores) Uma palavra!

DOLORES

Accedo:

dizem que está melhor.

ERNESTO

Sinceramente?

Asseguram-m'o? E' certo? Não me enganam?

Oh! a Senhora é compassiva e boa!

Será verdade? Oh! Deus! Será verdade?

Oh! Salvae-o! Senhor! Meu Deus! Salvae-o!...

Que torne a ser feliz e me perdõe!

Que eu o abrace outra vez! Que o veja ainda!

(Cae na poltrona juncto da mesa e occulta o rosto nas mãos, soluçando.
 Pausa.)

DOLORES (A Pepito)

Se viesse teu pae, se acaso o ouvisse...

(Levanta-se e, com Pepito, aproxima-se de Ernesto.)

Valor! Coragem!

PEPITO

A chorar, um homem!
 (A'parte) Esta gente nervosa é dos diabos!
 Soluça e mata por igual maneira

ERNESTO

Se prantos verto, se o soluço amargo
 vem-me á garganta em convulsão hystérica,
 se debil sou e fragil e sensível,
 como uma dama, ou como uma criança,
 não pensem que é por mim; é só por elles!
 por seu perdido bem, pelo seu nome,
 para sempre manchado, pela affronta
 que em troca ao muito que por mim fizeram
 lhes dei, não por maldade, mas por força
 da minha negra e desastrosa sorte!
 Por isso choro! E se o passado triste
 eu apagar com lagrimas pudera,
 todo o meu sangue em lagrimas trocara,
 sem gotta alguma conservar nas veias!

DOLORES

Silencio, por piedade!

PEPITO

Sim; mais tarde
 falaremos de prantos e tristezas.

ERNESTO

Calar porque? se todos falam hoje?
 Falemos, sim; pois que a cidade inteira
 é sorvedouro e torvellinho movel
 que chama, absorve, attrae, devora, arrasta,
 tres honras, e tres nomes, tres pessoas,
 pelas sargetas da miseria humana
 ao abysmo social do vilipendio!
 e dos tres n'elle afunda para sempre
 reputação, porvir, honra e consciencia!

DOLORES

Mais baixo, Ernesto.

ERNESTO

Não; se já são vozes!
 se murmurios não são! se os ares enchem!
 ninguem já ignora o tragico successo.
 mas a seu modo cada qual o conta.
 Sabe-se tudo sempre! — Alto prodigio! —

mas a verdade nunca! — Horrivel facto!

(Ernesto em pé; a seu lado, mostrando interesse por saber do que corre pela cidade, Dolores e Pepito)

Dizem *uns* que Theodora em minha casa,
por seu marido subito surpreza,
o *accommetti* com impeto, cravando
no seu honrado peito ferro ignobil;
Outros — amigos meus, seguramente —
de assassino vulgar enfim me elevam
a posição mais nobre: — Eu lhe dei morte,
mas em lucta leal — um duello em regra.
Ha, todavia, quem conheça a historia
com mais exactidão, e eis o que conta:
Que D. Julião no lance com Nebreda
O meu logar e a minha vez tomára.
Cheguei tarde!... por calculo ou por medo,
ou porque em braços... Não! Meus labios queima
a phrase tôrpe e enfebrecido o cerebro
é todo chammas, que um vulcão semelham!
Buscae o que mais manche: o mais infame;
o que mais baixo seja e mais revolte;
lodos do coração, escorias d'alma,
fêzes vis de miserrimas consciencias;
lançae-o ao vento que atravessa as ruas,
com elle salpicae labios e linguas,
e encontrareis a historia d'este caso;
e n'ella sabereis o que enfim resta
de dois homens honrados e uma dama,
quando seus nomes na cidade rolam!

DOLORES

Não nego: é triste; mas talvez não seja
da opinião alheia toda a culpa.

PEPITO

Foi Theodora á tua casa; n'ella estava...

ERNESTO

Para evitar o duello com o visconde.

PEPITO

Mas porque se escondeu?

ERNESTO

Porque tememos
fosse a sua presença mal julgada.

PEPITO

A explicação é simples e facillima;

o difficil, Ernesto, é que a recebam,
porque ha outra mais facil e mais simples.

ERNESTO

E que deshonra mais... E essa é que é a boa !

PEPITO

Mas ao menos concede que em Theodora
se malicia não foi... foi leviandade.

ERNESTO

O delicto é prudente e cauteloso,
Mas imprudente e facil a innocencia !

PEPITO

Dês que appliques a todos essa regra —
anjos e santos acharás somente.

ERNESTO

Muito bem ; tens razão. Essas calumnias
que valor têm ? que peso ou que importancia ?
O horrivel é manchar-se o pensamento
de idéas más ao pessimo contacto ;
que á força de pensar-se n'um delicto
chega a tornar-se facto na consciencia !
Vê-se espantoso, vê se repugnante ;
mas vê se á noute, á noute... pelas trevas.

(A' parte)

Mas... agora reparo : Estão-me ouvindo
com ar de quem não crê, de quem duvida...

(Alto)

Eu sou quem sou ; meu nome é nome honrado ;
se apenas por mentir matei Nebreda,
por trocar em verdades suas calumnias,
sendo eu culpado, então que não faria !

PEPITO (A'parte a Dolores)

E negava ! Se é claro !

DOLORES (A Pepito)

E' uma loucura !

PEPITO (A' parte)

O que é certo, entretanto, é que confessa.

DOLORES (Alto)

Queira sahir, Ernesto.

ERNESTO

Isso não posso.

Ah ! se esta noute eu longe me encontrasse

d'aquelle leito, certo, perderia
o juizo!... a razão!...

DOLORES

Porém se chega
de repente Severo, e o vê?...

ERNESTO

Q'importa?
Elle é homem leal!... melhor!... que venha!
foge quem teme e teme quem engana,
e não é facil que eu fuja, nem tema.

PEPITO (Depois de escutar)

Ahi vem alguém...

D LORES

E' elle.

PEPITO (Indo ao F.)

Não; Theodora.

ERNESTO

E' Theodora?... Theodora!... Quero vel-a!

DOLORES (Com severidade)

Ernesto!

PEPITO (Idem)

Ernesto!

ERNESTO

Sim... para pedir-lhe
perdão...

DOLORES

Mas o senhor não considera ..

ERNESTO

Sim; considero tudo e tudo entendo!
junctos — os dois? Ah! não! Basta! Não temam!
Dar por ella o meu sangue! dar vida!
minha consciencia, meu porvir e honra:—
Porém ver-nos — jámais! Não é possível!
Vapor de sangue entre nós dois se eleva!

(Sae pelo fundo)

SCENA V

DOLORES E PEPITO

DOLORES

Deixa-me só com Theodora,
vae ter com teu pae lá dentro.
Quero chegar bem ao centro
do seu coração. Agora
sei muito bem, sei de sobra
que muito lhe pezará
o que lhe digo.

PEPITO (Sae pela E. 2.º plano)

Até já.

DOLORES

Bem ; agora mãos á obra.

SCENA VI

THEODORA E DOLORES

(Theodora entra timidamente, detendo-se juncto á porta do aposento de
D. Julião e escuta, com ancia, afogando os soluços no lenço.)

DOLORES

Theodora...

THEODORA (Vindo ao seu encontro)

Ah! és tu?...

DOLORES

Valor!

Com pranto que se consegue?

THEODORA

A doença como prosegue?
Como está?

DOLORES

Muito melhor.

THEODORA

Salva-se? dize ..

DOLORES

E' de crer.

THEODORA

Se se salvar, desafio
a morte!

DOLORES (Tral-a carinhosamente ao primeiro plano.)

Depois, confio
em teu juizo. Estou a ver
em teu pranto e anciedade
o arrependimento.

THEODORA

Sim :

(Dolores mostra-se satisfeita.)

fiz muito mal, ai! de mim!
com ir vel-o; isso é verdade.

(Desagrado de Dolores, por ver que não é o arrependimento que supunha)

Mas hontem tu me disseste
que houve insulto e houve duéllo...

Eu agradeço-te o zelo,
embora a dôr que me dêste
não a possas calcular,
nem eu possa descrevel-a:
Que noite! que noite aquella!
Que gemer! Que delirar!
O sangue, o escandalo, a affronta
que o meu Julião supportou,
e tudo... perdida e tonta,
ante os meus olhos passou!
E tambem o pobre Ernesto,
ferido, talvez, por mim...
Porque me fitas assim?
Que mal ha n'isto? — Esse gesto!...
Inda não estás convencida?
Pensas como toda a gente?

DOLORES (Seccamente)

Penso que é impertinente
receiares pela vida
de Ernesto.

THEODORA

Não. Que o malvado
visconde é espadachim!
Já vês... meu Julião...

DOLORES

Emfim,
o teu Julião foi vingado
e o tal visconde extendido
de um golpe no coração.
De sorte que sem razão
(Com intenção e dureza)
tens chorado e tens temido.

THEODORA (Com interesse)

E foi Ernesto!...

DOLORES

Pois quem?

THEODORA

Ao visconde?

DOLORES

Frente a frente

THEODORA (Sem poder dominar-se)

Ah! que nobre e que valente!

DOLORES

Theodora!

THEODORA

Isto que tem?

DOLORES (Com severidade)

Eu vejo teu pensamento

THEODORA

Meu pensamento?

DOLORES

Sim.

THEODORA

Qual?

DOLORES

Tu bem o sabes?

THEODORA

Fiz mal
em mostrar contentamento
por ver o Julião vingado:
mas um impulso sahido
d'alma, jámais é contido.

DOLORES

Não é isso o que has pensado.

THEODORA

Mas tu não podes saber
melhor que eu mesma...

DOLORES (Com profunda intenção)

Mentira;
quando muito uma alma admira,
vae caminho do querer.

THEODORA

E eu que admiro?

DOLORES

A bravura
d'esse moço.

THEODORA

A fidalguia.

DOLORES

Pois assim se principia.

THEODORA

Isso é delirio!

DOLORES

E' loucura,
mas em ti.

THEODORA

Pensam que eu minto!
Sempre essa idéa maldicta!
Lastima immensa, infinita,
isso é o que eu sinto, é o que eu sinto!

DOLORES

Por quem?

THEODORA

Por quem hade ser?
Por Julião.

DOLORES

Não tens ouvido
que andam lastima e olvido
a par sempre na mulher?

THEODORA

Basta! por Deus! por piedade!

DOLORES

Quero allumiá-*te* a consciencia
com a voz da experiencia
e com a luz da verdade. (Pausa)

THEODORA

Eu te escuto. E se te escuto,
permítte me que te diga :
nem de uma irman, nem de amiga,
nem de mãe, o aspero e bruto
som da tua voz semelha.
Parece-me, ou eu 'stou louca,
que Satanaz por tua bocca
inspira, fala, aconsellia !

DOLORES

Eu convencer-te procuro...

THEODORA (Seguindo-lhe a palavra)

Que, na minh'alma nascido,
morre o amor de meu marido
e nasce outro amor impuro,
que os sentimentos me embota !
Dizer que este affecto morre !
Eu ! que dêra a ultima gotta
deste sangue que me corre
nas veias, e que me queima,
por um atomo de vida
(Apontando o quarto de Julião)
d'esse de quem repellida
sou ! de quem teu esposo teima
em separar-me actualmente !
Se entrar alli n'este instante
meu cunhado me deixasse,
quando eu emfim de repente,
lacrimosa e soluçante,
o meu Julião abraçasse ;
taes meus carinhos seriam,
que estou bem certa que logo
suas duvidas se fundiriam
das nossas almas ao fogo !
E porque amo o meu esposo
hei de, desagradecida,
odiar a quem, generoso,
por mim arriscou a vida ?
Não odial-o, é por ventura
amal-o ? — Jesus me valha !
taes coisas o mundo espalha,

e taes historias procura,
 taes successos tenho ouvido,
 e sou tão calumniada ;
 que ás vezes de mim duvido,
 e me pergunto espantada :
 Serei o que diz o mundo ?
 Guardarei uma paixão
 no fundo do coração,
 bem da minh'alma no fundo,
 minhas entranhas queimando
 e de mim mesma ignorada ?
 Viverei acaso amando
 sem perceber nada, nada ?
 E em triste, rapido instante,
 em momentos não sabidos,
 a chamma, o fogo infamante
 brotará dos meus sentidos ?

DOLORES

Confessas pois ser culpada !
 Amal-o ?

TREADORA

Nunca o amei !
 Olha, Dolores, não sei,
 não sei como te persuada !
 N'outro tempo — Quem diria ? —
 pergunta de tal jaez
 meu sangue alvoraçaria . . .
 Hoje, discuto, lem vês,
 se sou honrada ou não sou !
 Sou-o deveras. Não ! soffrer
 esta humilhação, é ser
 digna da mancha ! . . .

(Occulta o rosto nas mãos e cae na cadeira da D.)

DOLORES

Passou !
 Não chores ! vá ! que tens tu ?
 Basta, basta ; eu não prosigo.
 Ouve só o que digo.
 N'uma palavra concluo :
 Ernesto não é o que pensas.
 E' mister que te convenças
 d'isto illude muito, crê.
 A confiança não merece.

THEODORA

E' bom, Dolores,

DOLORES

Não é.

THEODORA

Estima Julião.

DOLORES

Parece,
mas engana-o.

THEODORA

Essa é a trama...

DOLORES

Não direi que dê abrigo
à sua paixão, mas digo...
sómente digo — *que te ama...*

THEODORA (Com assombro, levantando-se.)

Elle, a mim!?

DOLORES

Toda a cidade
o sabe! Aqui, ha um instante,
deante de meu filho, deante
de mim...

THEODORA (Com ancia)

Dize-me a verdade!
Acaba .. acaba, Dolores!...

DOLORES

Disse que, por ti, seria
capaz de todas as dores!
Disse que, por ti, daria
honra, vida, alma, consciencia.
Isto em phrase arrebatada.
Quando chegaste, à chegada
quiz te ver... só com prudencia,
com rogos e com instancia
o consegui afastar.
'Todavia estou em ancias:
temo que o possa encontrar
meu marido, e odios seus
rebentem...THEODORA (A pesar seu tem seguido esta fala com uma mescla estranha de
interesse, assombro e terror: alguma coisa de indefinivel.)Que villania!
Oh! quanta infamia, meu Deos!
E eu que por elle sentia

uma amisade extremada!
tão pura!...

DOLORES

Inda choras?

THEODORA

Choro!

Os desenganos deploro
d'esta vida desgraçada!
Toda a dôr em mim concentro!
Um homem tão puro e nobre,
ver como se afunda e cobre
de manchas!... E está lá dentro,
dizes? Disseste ainda agora.
Elle! Ernesto! A's minhas dores
attende. Diz'-lhe, Dolores,
que se vá! Que se vá embora!
Eu bem lhe procuro um meio,
(Com verdadeira alegria)
e tua energia me agrada.
(Abraçando-a com effusão)
Perdôa-me!... agora creio!...

THEODORA

E antes, não?

(A actriz dará a esta phrase toda a intenção que o auctor deseja que tenha)

DOLORES (Rapido)

Não digas nada!...
que elle ahí vem...

THEODORA (Com impeto)

Não quero vel-o!

Diz'-lh'o... Espera-me Julião.

(Dirigindo-se para a D.)

DOLORES (Detendo-a)

Tu bem sabes que elle não
quer; e não posso contel-o.
E' impossivel! — E agora,
que os teus sentimentos pézo,
quero que veja, Theodora,
em ti o mesmo desprezo
que em mim viu, aquelle louco.

THEODORA

Deixa-me!

ERNESTO (Detendo-se ao entrar)

Theodora !...

DOLORES (Baixo a Theodora)

E' tarde!

Cumpre o dever, sem alarde. (A Ernesto)
A mesma ordem que ha pouco
lhe dei, vai dar-lh'a Theodora,
dona d'esta casa...

THEODORA (Baixo a Dolores)

Então !...

não saias...

DOLORES (Baixo a Theodora)

Temes agora ?

THEODORA (O mesmo)

Eu temer !... Não temo ! não.
(Faz-lhe signal que saia ; Dolores sai pela D., 2.º plano.)

SCENA VII

THEODORA E ERNESTO

ERNESTO

A ordem foi que eu sahisse.

(Pausa. Os dois guardam silencio e não se atrevem a olhar-se)

E m'a repete a senhora ?! (Triste e respeitoso)

Pois nada tema, Theodora,
respeito, cumpro o que disse.

(Com dureza.)

Os outros por nenhum preço
mandarão em mim. Comtudo,

(Com submissão)

à senhora eu obedeço ;
da senhora eu soffro tudo,
embora haja offensa, embora !

THEODORA

Offendel-o, Ernesto, diz ?...

Acredita ?... (Sem encaral-o: contrariada e receiosa)

ERNESTO

Não, senhora.

(Nova pausa)

THEODORA

(Sem se voltar e sem olhar para elle)

Adeus... E seja feliz...

ERNESTO

Bem ; adeus, adeus, Theodora.

(Para um instante, mas Theodora não se volta, não o encara nem lhe estende a mão. Por fim, afasta-se. Depois de chegar ao F. volta e aproxima-se d'elle. Theodora sente-o chegar e estremece, mas não olha para elle)

Se todo o mal que, a pezar
meu, por minha horrivel sorte,
lhe hei causado, com a morte
pudesse agora apagar...juro que não ficaria,
juro-o como homem honrado,
sombra alguma do passado :
nem suspiro de agonia,
nem esse triste pallor,

(Theodora levanta a cabeça e fita-o com profundo terror)

nem esse olhar que me espanta,
nem um ai nessa garganta,

(Theodora afoga com efeito um soluço)

e nem lagrima de dôr !

THEODORA

(A'parte, afastando se de Ernesto)

Dolores disse a verdade!...

e eu tão cega, inadvertida!...

ERNESTO

Um adeus de despedida,
apenas um, por piedade !

THEODORA

Adeus. Sim, quero perdoar
o mal que nos fez.

ERNESTO

Que fiz?...

eu !? ...

THEODORA

E' o senhor quem o diz.

ERNESTO

Essa expressão, esse olhar...

THEODORA

Não mais, Ernesto, é escusado !

ERNESTO

Mas que fiz, que fiz p'ra isto ?

THEODORA

Supponha que eu não existo :
'stá tudo, tudo acabado !

ERNESTO

Esse tom !... Esse desdem !...

THEODORA (Com dureza, estendendo o braço em direcção á porta)

Saía, senhor !

ERNESTO

Deus ! que ouvi ?!

THEODORA

Meu marido morre alli,
e eu aqui morro tambem !...
(Vacilla e para nao cahir tem de apoiar-se á poltrona)

ERNESTO (Precipitando-se para amparal-a)

Theodora !

THEODORA (Repellindo-o com energia.)

Tocar-me ! não !
meu coração se desmancha !

(Pausa. Quer dar uns passos, mas faltam-lhe as forças e querendo Ernesto
sustel-a de novo, ella repelle-o)

ERNESTO

Porque ?

THEODORA (Com dureza)

Porque o senhor mancha !

ERNESTO

Mancho ! ?

THEODORA

Sim ; como um villão !

ERNESTO

Eu ?! O' cós ! como padeço !
Ella tambem ! Impossivel !
Oh ! a morte é preferivel !
Não é verdade ! enlouqueço !
Oh ! diga que não, Theodora !

Uma phrase, uma expressão
de consolo, ou de perdão,
ou de piedade, senhora!
Eu me resigno a partir,
e a não mais vel-a, qu'importa
se isto o meu futuro corta,
se isto mata o meu porvir! —
mas que em minha soledade
me siga com seu perdão
a sympathia, a affeição —
pelo menos — a piedade!...
Eu partirei; porém conto
que me julgue bom e honrado,
e que a não tenho manchado;
não a affrontei, nem a affronto.
O que o mundo diz, não prézo —
desdenho-lhe as maldições,
e pelas suas paixões
tenho um profundo desprezo!
Firu cruel, rasgue fundo,
assaque a maior offensa, —
o mundo de mim não pensa,
tudo o que eu penso do mundo!
— Mas Theodora! — o ser mais puro
que forjou a fantasia!
o ser por quem eu daria
uma e mil vezes — eu o juro!
e o juro do peito meu, —
n'esta interminavel guerra —
não só a vida na terra,
mas o meu logar no céu!

(Com profunda emoção, com angustia profundissima e accento desesperado.)

Que de uma negra traição
fosse eu capaz — suspeitasse,
que não tenho a alma na face...
isso, Theodora, isso não!

THEODORA (Com crescente anciedade)

Não me comprehendeu, senhor;
separemo-nos.

ERNESTO

Theodora,
Assim, não; não!

THEODORA

Sem demora!
eu lh'o peço — por favor!

(Apontando para o quarto.)
Julião padece, bem vê.
Não o esqueçamos.

ERNESTO

Porém
eu soffro, eu soffro tambem.

THEODORA

Pois tambem soffre? Porque?

ERNESTO

Por seu desprezo...

THEODORA

Isso, não!

ERNESTO

Disse-o.

THEODORA

Menti; não ha tal.

ERNESTO

Houve algum motivo, e então
não soffremos por egual.
E n'este lutar eterno,
e n'esta implacavel guerra,
soffre *elle* como na terra
e *eu* soffro como no inferno!

THEODORA

Por Deus! ... Que sorte inclemente!

ERNESTO

Rasga-se o meu coração!

THEODORA

Basta, Ernesto, compaixão!

ERNESTO

Isso peço unicamente!

THEODORA

Piedade!...

ERNESTO

Isso, sim, piedade!

(Acercando-se d'ella)

De mim... que teme?... ou que pensa?

THEODORA

Perdõe-me se houve offensa...

ERNESTO

Offensa, não. A verdade!...
a verdade, eis o que eu quero!
e lh'a supplico, ajoelhado,
com o olhar em pranto banhado.

(Inclina-se deante de Theodora e toma-lhe uma das mãos; n'este momento na porta do quarto de D. Julião apparece Severo e detem-se.)

SEVERO (A'parte)

Miseraveis!

THEODORA

D. Severo!

SCENA VIII

THEODORA, ERNESTO, SEVERO

(Ernesto separa-se para a E; Severo vem a collocar-se entre elle e Theodora)

SEVERO (A Ernesto, com ira concentrada, e em voz baixa para que os não ouça D. Julião.)

Por não achar nem phrase, nem palavra
que expresse a minha colera e desprezo,
terei de contentar-me com dizer-lhe:
E' um miseravel! Saia d'esta casa!

ERNESTO (O mesmo)

Em respeito a Theodora, e á casa, e áquelle
que geme alli, ferido, no seu leito,
terei tambem, senhor, de contentar-me
com lhe dar em resposta .. o meu silencio.

SEVERO (Pensando que elle sae, com certa ironia.)

Calar e obedecer é o mais prudente.

ERNESTO

Não me entendeu, senhor:— Não obedeco.

SEVERO

Não obedece? Fica?

ERNESTO

Se Theodora
não quizer repetir a ordem,— fico.

la sahir ha pouco — e para sempre,
mas Deus ou Satanaz tolheu-me o passo.
Veiu o senhor e me arrojou á face
injurias vis e, então, a essas injurias,
quaes se traicões do inferno acaso fossem,
senti raizes que das minhas plantas
se agarravam firmissimas ao solo.

SEVERO

Vamos a vêr, contudo, se os criados

(Com energia:)

lh'as arrancam a páu.

ERNESTO

Pois veja.

(Ernesto dá um passo para Severo com ar ameaçador; Theodora precipita-se entre os dois e o contem)

Ernesto!

(Voltando-se depois com energia e dignidade para Severo:)

Sem duvida esqueceu que a casa é minha

(Apontando o quarto de Julião)

emquanto viva aquelle que é seu dono.

Para mandar aqui nos dois sómente

auctoridade temos e direito.

(A Ernesto, com doçura)

Não por elle: — por mim, por minha angustia...

(Ernesto não pode occultar sua alegria, ao vêr que Theodora o defende)

ERNESTO

A senhora o deseja?

THEODORA

Se lh'o peço!

(Ernesto inclina-se respeitosamente e dirige-se para o F.)

SEVERO

Tua ousadia me confunde e assombra
tanto... não; muito mais do que a de Ernesto!

(Avançando ameaçadoramente para Theodora. Ernesto, que tem dado uns passos, detem-se, mas logo, fazendo um esforço sobre si mesmo, segue seu caminho.)

Ousas erguer a fronte, desgraçada!
e deante de mim!?... Curva a cabeça!

(Ernesto faz movimentos analogos aos anteriores, porem mais accentuados).

Tu — tímida e cobarde — como encontras

inda palavras para defendel-o?

Alto fala a paixão!

(Ernesto já no F., detem-se)

Mas não te lembras
que eu, antes mesmo de expulsal-o, soube

d'esta casa expellir-te, que manchavas
com o sangue de Julião! Porque voltaste?

(Tomando-lhe brutalmente um braço, subjugando-a com furor, e approximando-se mais e mais d'ella)

ERNESTO

Ah! não! não pode ser! Não!

(Precipita-se entre Theodora e Severo e os separa)

Larga, infame!

SEVERO

Outra vez?!

ERNESTO

Outra vez!

SEVERO

Voltas de novo?

ERNESTO

Sim! que a Theodora ultraja a tua affronta!

(Desde este momento não se possui mais)

e sinto-me com vida, e animo tenho
para voltar e castigar-te a audacia,
para bem alto te chamar: — Cobarde!

SEVERO

A mim!

ERNESTO

De certo.

THEODORA

Não!

ERNESTO (A Theodora)

Se, é d'elle a culpa!...

pois se eu lhe vi a mão deitar colerico
sobre a senhora! assim, d'esta maneira!

(Agarra violentamente D. Severo por um braço.)

SEVERO

Insolente!

ERNESTO

E' verdade; mas não largo!

Teve mãe o senhor? Amava-a muito?

Respeitava-a ainda mais? Pois assim quero
que a Theodora respeite e que se humilhe
d'esta mulher á dor profunda, immensa!...
d'esta mulher, mais pura e mais honrada
do que sua mãe, do que sua mãe, cobarde!

SEVERO

Tal disse?!... a mim?!!

ERNESTO

Não terminei ainda.

SEVERO

A tua vida!

ERNESTO

Sim, porém mais tarde.

(Theodora quer separal-os, mas elle a afasta docemente com uma das mãos, sem soltar Severo da outra)

Acredita em um Deus? — E' necessario
 p'ra tudo um creador, uma esperanza. —
 Pois como dobra os seus joelhos torpes
 ante o altar de Deus que nos escuta,
 ante Theodora — e já! — ha de dobral-os.
 Abaixo!... Ao pó!...

THEODORA

Por piedade!

ERNESTO

Ao solo!

(Obriga-o a ajoelhar-se deante de Theodora)

THEODORA

Basta, Ernesto!

SEVERO

Mil raios!

ERNESTO

De joelhos!

SEVERO

Tu?!

ERNESTO

Eu!

SEVERO

Por ella?!

ERNESTO

Sim!...

THEODORA

Basta. Silencio!

(Theodora, aterrada, aponta para o quarto de D. Julião. Ernesto solta Severo, que se levanta e retrocede para a Direita. Theodora conduz Ernesto para o fundo; d'este modo ella e elle formam um grupo que se afasta.)

SCENA IX

THEODORA, ERNESTO, SEVERO ; (Depois)
JULIÃO e DOLORES

JULIÃO (Dentro)

Deixa-me !...

DOLORES (O mesmo)

Não ; por Deus !...

JULIÃO (O mesmo)

São elles !... Vamos !...

THEODORA (A Ernesto, fazendo-o sahir)

Saia, Ernesto.

SEVERO (A Ernesto)

A desforra !

ERNESTO

Não a nego.

(N'este momento apresenta-se D. Julião, pallido, descomposto, quasi moribundo e Dolores amparando-o. Ao apresentar-se elle, Severo está á D. no primeiro plano e Theodora e Ernesto formando um grupo ao fundo.)

JULIÃO

Junctos !?... Onde é que vão ?... Que m'os detenham !
Fogem de mim !... Traidores !...

(Quer precipitar-se sobre elles, mas faltam-lhe as forças e vacilla.)

SEVERO (correndo a amparal-o.)

Não !

SEVERO

Severo,
mentiam !... enganavam-me !... os infames !...

(Emquanto pronuncia estas palavras, Dolores e Severo conduzem-o á poltrona da D.)

Alli !... Os dois !... Alli !... Ernesto e ella !...
Porque estão juntos ?

THEODORA E ERNESTO (Separando-se um do outro)

Não !

JULIÃO

Mas não se chegam?

Theodora!...

THEODORA (Estendendo-lhe os braços, mas sem approximar-se)

Meu Julião!...

JULIÃO

Sobre o meu peito!

(Theodora precipita-se nos braços de D. Julião, que a estreita fortemente.
Pausa. A Severo:)

Bem o vês! bem o vês! Sei que me engana,
e em meus braços a estreito, a enlaço, a opprimo!...
Posso matá-la!... e ella merece a morte!...
mas fito-a, fito-a, fito-a!... e mais não posso!...

THEODORA

Julião!...

JULIÃO (Apontando Ernesto)

E elle?

ERNESTO

Senhor!

JULIÃO

E eu que o amava!

Cala-te e vem.

(Ernesto aproxima-se. Theodora procura erguer-se e Julião subjuga-a.)

Sou teu senhor ainda.

THEODORA

Tua!... tua! ..

JULIÃO

Não finjas!... Não me mintas!...

DOLORES (Procurando acalmá-lo)

Por Deus santo!...

SEVERO

Julião!...

JULIÃO (A ambos)

Basta! Silencio!...

(A Theodora)

Pois se eu te adivinhei! Se eu sei que o amas!
 (Theodora e Ernesto querem protestar, mas elle não o consente)
 Se já o sabe Madrid! Madrid inteira!...

ERNESTO

Não, meu pae! Não, meu pae!

THEODORA

Não!

JULIÃO

E ainda o negam!

Pois se é evidente! se em mim mesmo o sinto!
 porque este fogo intenso que me abraza
 com a sua chamma o cerebro illumina!

ERNESTO

Todas essas traições são resultantes
 do fervor do seu sangue — do delirio!
 Escute-me, senhor.

JULIÃO

Tu vaes mentir-me!

ERNESTO (Apontando Theodora)

Ella é innocente!

JULIÃO

Não!... Não te acredito!

ERNESTO (Supplicemente)

D. Julião, de meu pae pela memoria!...

JULIÃO

Não lhe profanes a memoria e o nome!

ERNESTO

De minha mãe p'lo derradeiro beijo!

JULIÃO

Já não tens esse beijo em tua frente!

ERNESTO

Por tudo quanto queira, ó pae! que eu jure,
 jurarei! jurarei!

JULIÃO

Nem juramentos,
nem vans palavras, nem protestos quero.

ERNESTO

Pois bem ; que quer então ?

THEODORA

Que queres ?

JULIÃO

Factos.

ERNESTO

Que deseja, Theodora, que nos pede?

THEODORA

Não sei ; não sei. Mas que fazer, Ernesto?

JULIÃO (Que os tem seguido com o olhar febril e instinctiva desconfiança)

Ah ! deante de mim buscaes enganos !
Combinaes-vos, infames ! Eu o estou vendo !

ERNESTO

Pela febre é que vê,—não pelos olhos.

JULIÃO

A febre—sim ! Mas como a febre é fogo,
a venda consumiu, que em minha vista
me puzestes vós dois ! e enfim, já vejo !
E agora vos fitaes ! Porque ! traidores !
porque brilham teus olhos ? Fala, Ernesto !
Não é o brilho do pranto ! Vem... mais perto...

mais... (Obriga-o a approximar-se ; fal-o curvar a cabeça, e por fim cahir
de joelhos deante de si. D'este modo fica D. Julião entre Theodora, que
está a seu lado, e Ernesto que está a seus pés. N'esta attitude passa-lhe a
mão pelos olhos).

Não vê?... Não é pranto !... se estão secco !

ERNESTO

Perdão ! Perdão !

JULIÃO

Pois, se perdão me pedes,
é que tens culpa...

ERNESTO

Não !

JULIÃO

Sim !

ERNESTO

Não é isso.

JULIÃO

Pois—cruzae ante mim vossos olhares !

SEVERO

Julião !

THEODORA

Senhor !

JULIÃO (A Theodora e Ernesto)

Acaso tendes medo !

Pois como irmãos não vos amais ? Provai-o.
 Theodora, Ernesto, á flor de vossos olhos
 venham as almas, e suas castas luzes,
 deante de mim misturem seus reflexos,
 que então verei, porque verei de perto,
 se esses raios de luz, são *luz* ou *fogo* !
 Tu, Theodora, tambem... Tem de ser ; vamos...
 Ambos!... vinde!... ainda mais !

(Faz cabir Theodora deante de si, aproxima-os a si e os obriga a fitarem-se.)

THEODORA (Separando-se por um violento esforço.)

Ah ! não !

ERNESTO (Procura levantar-se, mas Julião não o deixa.)

Não posso !

JULIÃO

Oh ! amaes-vos !... amaes-vos !... Vibrem claro !
 (A Ernesto)
 Tua vida !

ERNESTO

Sim ;

JULIÃO

Teu sangue !

ERNESTO (Tentando erguer-se)

Todo !

JULIÃO (Obrigando-o a conservar-se ajoelhado)

Quieto !

THEODORA (Contendo-o)

Julião !

JULIÃO

Tu o defendes ?... tu o defendes ? !

THEODORA

Não é por elle !

SEVERO

meu irmão !...

JULIÃO (A Severo)

Silencio !

(Sugaitando Ernesto a seus pés)

Máu amigo !

ERNESTO

Meu pae ! Meu pae !...

JULIÃO

Máu filho !

Desleal ! traidor !

ERNESTO

Não sou !

JULIÃO

Eu vou gravar-te
da villania o sello sobre a fronte !
hoje com minha mão ; depois com a espada !
(Ergue-se com um resto de suprema energia e esbofeteia-o)

ERNESTO (Dá um grito terrível, levanta-se e separa-se para a E. cobrindo o rosto.)

Ah !

SEVERO (Extendendo o braço para Ernesto)

Justiça !

THEODORA (Occulta o rosto entre as mãos e vae cahir em uma cadeira da direita)

Jesus !

DOLORES (A Ernesto, como desculpando Julião)

Foi o delirio !

(Estes quatro gritos rapidissimos ; momentos de estupor. Julião sempre de pé fitando Ernesto ; Dolores e Severo contendo-o)

JULIÃO

Delirio, não ! castigo e — merecido !...
Que pensavas, ingrato ?

DOLORES

Vamos... vamos...

SEVERO

Vem, vem, Julião...

JULIÃO

Já vou.

(Caminhando com difficuldade até ao seu quarto, amparado por Severo e Dolores, porém detendo-se algumas vezes para fitar Ernesto e Theodora.)

DOLORES

Vamos, Severo!

JULIÃO

Olha — olha!... os infames! Foi bem justo!
 Não é verdade? não? Eu assim creio.

SEVERO

Por Deus! Julião!... — Por mim!...

JULIÃO

Ah! tu somente
 me tens no mundo amado.
 (Abraçando-o)

SEVERO

Eu, sim! De certo.

JULIÃO (Continua a caminhar: juncto á porta detem-se e contempla-os outra vez)

E ella chora por elle! não me segue...
 não me contempla já não vê que eu morro!...
 Eu morro... sim!...

SEVERO

Julião!...

JULIÃO (Detendo-se na mesma porta)

Espera... espera...
 Deshonra por deshonra!... Adeus, Ernesto
 (Saem Julião, Severo e Dolores pela D. A.)

SCENA X

THEODORA E ERNESTO

(Ernesto cae no fauteuil proximo á meza. Theodora continua á direita. Pausa.)

ERNESTO (A' parte)

Para que serve a lealdade!

THEODORA (O mesmo)

Para que serve a innocencia!

ERNESTO (O mesmo)

Ennubla-se-me a consciencia!

THEODORA (O mesmo)

Piedade, meu Deus, piedade!

ERNESTO (O mesmo)

Sorte cruel!

THEODORA (O mesmo)

Triste sorte!

ERNESTO (O mesmo)

Pobre moça!

THEODORA (O mesmo)

Pobre Ernesto!

SEVERO (De dentro. As exclamações que se seguem são gritos de suprema angustia.)

Meu irmão!

DOLORES

Socorro!

PEPITO

Presto!

(Ernesto e Theodora levantam-se e aproximam-se um do outro)

THEODORA

São gritos de dôr!...

ERNESTO

De morte!...

THEODORA

Vamos ver que aconteceu.

ERNESTO (Detendo-a)

Não! não!

THEODORA

Mas que nos detem? (Com ancia)
Quero que viva!

ERNESTO (O mesmo)

Eu tambem;

(Apontando para o quarto)

porém não posso.

THEODORA (Precipitando-se para lá)

Posso eu!

SCENA ULTIMA

THEODORA, ERNESTO, SEVERO, PEPITO.

ERNESTO (Em pé, ao centro; Theodora na porta do quarto de D. Julião; to-
mando-lhe o passo, Severo, que sae um momento depois de Pepito)

PEPITO

Onde vae ?

THEODORA (Com desesperada anciedade)

Eu quero-o ver !

PEPITO

Não póde !

SEVERO

Não passa aqui.

Essa mulher inda ahi ? (A Pepito)

Põe lá fóra essa mulher !

Sem compaixão ! n'este instante !

ERNESTO

Que diz ?

THEODORA

Eu perco a cabeça !

SEVERO

Inda que tua mãe te peça
e d'ella se ponha deante,
has de cumprir meu mandato.
Inda que suplique e implore !
Se chcrar... deixa-a, que chore !
(Com ira reconcentrada.)
Fóra ! fóra ! ou eu a mato !

THEODORA

Julião manda ? !...

SEVERO

Sim senhora.

ERNESTO

Seu esposo ? !... Não posso crel-o !

THEODORA

Quero vel-o !

SEVERO

Pois vaes vel-o !

Depois... depois... vae-te embora!

PEPITO (Como querendo oppor-se)

Pae!...

SEVERO (A Pepito afastando-o.)

Deixa a...

THEODORA

Não é certo, não!...

PEPITO

E' horrivel!

THEODORA

E' mentira!

SEVERO

Vem, Theodora... vem, e admira!...

(Toma-a por um braço e leva-a á porta do quarto de D. Julião, levanta a cortina e aponta o interior.)

THEODORA

Morto!... Morto!... o meu Julião!...

(Diz isto retrocedendo de um modo tragico e cae desmaiada ao centro.)

ERNESTO (Occultando o rosto)

Meu pae!

(Pausa. Severo os contempla com olhar rancoroso)

SEVERO (A Pepito; apontando Theodora)

Expulsa-a!

ERNESTO (Pondo-se deante do corpo de Theodora :)

Atrevido!...

PEPITO (Hesitando)

Senhor!...

SEVERO (Ao filho)

E' minha vontade.

ERNESTO

Piedade!

SEVERO

Sim: a piedade
que ella teve com o marido!
com aquelle pobre morto...

ERNESTO

Ah!... que o meu sangue se inflamma!
Deixo a Hespanha...

SEVERO

Não me importo.

Morro !

ERNESTO

SEVERO

A vida é curta. (A Pepito)

Chama.

ERNESTO

Que ella é innocente, eu lh'o digo !
eu lh'o juro !

PEPITO (Como intercedendo)

Meu pae...

SEVERO (A Pepito, apontaado com desprezo Ernesto)

Mente.

ERNESTO

Tu me arrojás á corrente ?
pois já não lucto ! Eu a sigo !

(Apontando Theodora)

Que pensa n'este momento
de ti, e do que propalam,
não sei : seus labios não falam
e dorme o seu pensamento ;
mas o que eu no coração
tenho, e penso : vou-o dizer !

SEVERO (Querendo approximar-se de Theodora)

Isso não ha de fazer
com que eu mesmo...

PEPITO (Contendo-o)

Meu pae...

ERNESTO

Não !

(Pausa.)

Ninguém se lhe approxime ! E' minha, é minha agora
esta mulher ! O mundo o quiz ! Luctado temos :
sos meus braços lançou-a. Aceito. Vem, Theodora !

(Levantando-a e sustendo-a em seus braços.)

Tu a expulsas d'aqui?... Pois nós te obedecemos.

SEVERO

Finalmente ! Traidor !

PEPITO

Miseravel !

ERNESTO

E' pouco,

Tendes emfim razão... confesso-me culpado.
Quereis amor? Pois bem! amor profundo e louco!
Quereis paixão! — Pois bem! paixão de allucinado!
Quereis, acaso, mais? — Eu vos sacio a furia!
Vós inventaes a acção... eu recolho a verdade!
E contaes-o!... e espalhac-o!... A noticia da injuria
encha os echos fataes d'esta heroica cidade!
Mas se alguém perguntar, passados alguns dias:
D'esta infamia quem foi o infame medianeiro?
Ah! respondi-lhe então: — Tu mesmo e não o sabias!
e contigo os villões; contigo — o mundo inteiro!
Ah! vem, Theodora, vem! que minha mãe, dos céus,
dá-te um beijo de luz na fronte immaculada!
Adeus! E' minha só! Que na hora aprasada
a vós e a mim nos julgue a justiça de Deus!

(Cae o panno)

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO

